



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA  
CURSO DE GEOGRAFIA**

**JOSÉ RONALDO OLIVEIRA DA SILVA**

**A PRAÇA E SUAS TERRITORIALIDADES: UMA ANÁLISE DA PRAÇA  
SEVERINO CABRAL NA CIDADE DE LAGOA SECA - PB**

**CAMPINA GRANDE-PB  
MARÇO DE 2017**

**JOSÉ RONALDO OLIVEIRA DA SILVA**

**A PRAÇA E SUAS TERRITORIALIDADES: UMA ANÁLISE DA PRAÇA  
SEVERINO CABRAL NA CIDADE DE LAGOA SECA - PB**

**Orientador: Prof. Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Unidade Acadêmica de Geografia como  
requisito para obtenção do título de Licenciado  
em Geografia, sob a orientação do Prof. Dr.  
Luiz Eugênio Pereira Carvalho.

CAMPINA GRANDE-PB  
MARÇO DE 2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

S586p Silva, José Ronaldo Oliveira da.  
A praça e suas territorialidades : uma análise da praça Severino Cabral na cidade de Lagoa Seca - PB / José Ronaldo Oliveira da Silva. – Campina Grande-PB, 2017.  
59 f. : il. color.

Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2017.  
"Orientação: Prof. Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho".  
Referências.

1. Praças - Geografia. 2. Territorialidade. 3. Apropriação Cotidiana. 4. Praça Severino Cabral - Territorialidade. I. Carvalho, Luiz Eugênio Pereira. II. Título.

CDU 911.375.6(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA  
CURSO DE GEOGRAFIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

BANCA EXAMINADORA DE: JOSÉ RONALDO OLIVEIRA DA SILVA

TÍTULO: A PRAÇA E SUAS TERRITORIALIDADES: UMA ANÁLISE DA PRAÇA  
SEVERINO CABRAL NA CIDADE DE LAGOA SECA - PB

Campina Grande (PB), 21 de março de 2017.

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho (UFCC - Orientador)

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Ms. Angélica Mara de Lima (UEPB - Examinadora Externa)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz (UFCC – Examinador Interno)

*Dedico este trabalho primeiramente a minha família: à minha mãe **Eliane** que sempre me incentivou a persistir pelos meus objetivos. Ao meu pai, **José**, que financiou este sonho e que tudo fez para que seus filhos trilhassem o caminho dos estudos. As minhas irmãs, **Mary (Das dores)** com quem dividi minha vida acadêmica e **Lúcia**, que estava na torcida por nosso sucesso. Enfim dedico este trabalho a todos que fizeram parte dessa jornada, e a aqueles que me ampararam como um porto seguro nos dias tempestuosos.*

## **AGRADECIMENTOS**

A DEUS, por ter me dado forças para trilhar essa difícil jornada em busca do conhecimento e por estar sempre presente em todos os momentos.

A minha família, em especial aos meus pais Eliane e José que investiram e me incentivaram a seguir em frente, mesmo diante dos obstáculos. A minha irmã, Mary que segurou em minha mão e me convidou para essa jornada pelo frágil e fascinante mundo da educação, a ti minha sincera gratidão.

Ao professor Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho, que topou me orientar, em uma área completamente distante da que eu vinha trabalhando no decorrer da graduação, agradeço sua paciência e suas contribuições em outras pesquisas que fiz pelo Grupo de pesquisa e estudo sobre Ensino, Meio Ambiente e Cidade (GEMAC).

Os colegas da Universidade e amigos da turma 2013.1, foram muitas as horas de tensão, mas também de descontração nas pouquíssimas viagens que fizemos, nos trabalhos em grupo, no bate papo no Hall das placas, na pracinha do BC, nos corredores do BH e como não registrar as discussões em grupo nas redes sociais. Em especial Taís, Epídio, Diogo, Dora, Faryd, Socorro e Ana Paula que assim como Luilton (membro do GEMAC) me ajudou na elaboração dos mapas

Aos professores da Unidade acadêmica de Geografia: Sonia Lira, Lincoln Diniz, Angélica Mara, Zenon Sabino, Sergio Malta, Thiago Romeu, Sergio Murilo, Kátia Ribeiro, Janaína Barbosa, Débora Coelho, Xisto Serafim, e Martha Priscila responsáveis por incentivar o surgimento do nosso lado professor/pesquisador.

A todos que contribuíram direto ou indiretamente para a conclusão deste trabalho. Enfim, agradeço aos que se fizeram presente durante esses 8 períodos e que infelizmente não posso nomeá-los, pois a lista seria muito extensa, mas saibam que sou ETERNAMENTE GRATO.

“Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (FREIRE, 2013, p.25)

## RESUMO

Históricas e tão importantes para a dinâmica interna das cidades, as praças tornaram-se ao longo do tempo um ambiente caracterizado como verdadeiras assembleias públicas, o lugar do encontro e desencontro, das relações coletivas e comerciais, do lazer ou das reivindicações populares. Com esse amplo aparato de funcionalidades, o presente estudo tem como propósito, analisar as territorialidades presentes na Praça Severino Cabral, centrando a análise no cotidiano dos diferentes atores sociais que ali desempenham suas atividades, delimitando assim seus territórios. A praça em estudo localiza-se na área central da cidade de Lagoa Seca – PB e para realização da pesquisa, nos baseamos no método qualitativo por meio da observação das relações sociais configuradas no referido espaço, como também, através de entrevistas com os frequentadores para compreendermos: as impressões particulares, as convivências entre os grupos, assim como a dinâmica presente em seu uso cotidiano. Os resultados apontaram que a referida praça apresenta uma multiplicidade de territórios dispostos de forma efêmera, móvel e mutável que interagem não só com os elementos presentes no espaço territorial da praça, mas também com seu entorno criando assim, uma relação mútua.

**Palavras chave:** Praças. Territorialidades. Apropriação cotidiana. Praça Severino Cabral

## **ABSTRACT**

Historical and so important for the internal dynamics of cities, squares have become, over time, an environment characterized as true public assemblies, the place of encounter and disagreement, of collective and commercial relations, leisure or popular demands. With this ample apparatus of functionalities, the present study has as purpose, to analyze the territorialities present in the Severino Cabral Square, centering the analysis in the daily life of the different social actors who carry out their activities there, thus delimiting their territories. The square in study is located in the central area of the city of Lagoa Seca - PB and for conducting the research, we based on the qualitative method by observing the social relations configured in said space, as well as through interviews with the Understand: the particular impressions, the coexistence between the groups, as well as the dynamics present in their daily use. The results showed that the square presents a multiplicity of territories arranged in a fleeting, mobile and changing form that interact not only with the elements present in the territorial space of the square, but also with its surroundings, thus creating a mutual relationship.

Keywords: Squares. Territorialities. Daily appropriation. Severino Cabral Square

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização da Praça Severino Cabral .....	13
Figura 2: Ilustração da Ágora de Atenas na Grécia – Século II a. C.....	31
Figura 3: Vista aérea da Praça Severino Cabral e da Igreja Matriz.....	36
Figura 4: Destaque para o aspecto ajardinado da praça.....	37
Figura 5: Abrigo da Praça Severino Cabral.....	38
Figura 6: Frequentadores da praça.....	38
Figura 7a e 7b: Jovens voluntários restaurando a pintura da Praça Severino Cabral.....	39
Figura 8: Quadro referente ao Perfil dos frequentadores da Praça Severino Cabral.....	44
Figura 9: Barraca de guloseimas à esquerda e grupo de capoeira. ....	46
Figura 10: Tabela dos Turnos das territorialidades dos frequentadores da praça .....	47
Figura 11: Pessoas caminhando na calçada da praça no início da manhã.....	48
Figura 12a e 12b: Grupos de estudantes distribuídos pela praça.....	49
Figura 13: Adolescentes praticando esporte à noite. ....	50
Figura 14: Mapa das Territorialidades matutinas da Praça Severino Cabral .....	51
Figura 15: Mapa das Territorialidades vespertinas da Praça Severino Cabral .....	52
Figura 16: Mapa das Territorialidades noturnas da Praça Severino Cabral .....	53
Figura 17a e 17b: Agregados ocupam a área territorial da praça em evento religioso.....	54

## SÚMARIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO I –</b> <b>DA APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO A FORMAÇÃO DE TERRITÓRIOS E</b> <b>TERRITORIALIDADES</b> .....	15
1.1 Uma breve revisão sobre o conceito de território.....	16
1.2 Territorialidades: interação entre homem e espaço .....	21
1.3 Espaços públicos e suas apropriações .....	24
<b>CAPÍTULO II –</b> <b>PRAÇAS PÚBLICAS: SEUS USOS E DESUSOS</b> .....	29
2.1 As praças: suas origens e funcionalidades ao longo do tempo.....	30
2.1.1 As praças públicas brasileiras .....	34
2.2 Um olhar sobre o objeto de estudo: a Praça Severino Cabral .....	35
2.3 Caminhos percorridos para realização da pesquisa .....	40
<b>CAPÍTULO III –</b> <b>AS RELAÇÕES SOCIOTERRITORIAIS DA PRAÇA SEVERINO CABRAL:</b> <b>CONTEMPLANDO AS RELAÇÕES COTIDIANAS</b> .....	43
3.1 Construindo o perfil dos frequentadores da praça .....	44
3.2 As territorialidades da Praça Severino Cabral .....	47
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	56
<b>5. REFERÊNCIAS</b> .....	58
<b>ANEXOS</b> .....	60

## INTRODUÇÃO

Ao observarmos a história das praças<sup>1</sup> no contexto urbano percebemos que ela possuía certo destaque e importância no contexto social vivido em cada época. Nas civilizações Grega e Romana elas consistiam em verdadeiros espaços de manifestações e interação social na medida em que era o lugar do encontro, da verbalização e das discussões de diferentes finalidades.

Com o passar do tempo, diversas reformas efetuadas na estrutura e arquitetura urbana das cidades remodelaram não só as ruas e os prédios, mas também as praças que adquiriram distintas formas e tipologias que acabaram por serem replicadas em outros centros urbanos. Na contemporaneidade, as praças passaram a disputar a atenção de seus frequentadores com outros espaços de uso coletivo como shoppings centers, parques públicos, teatros entre outros ambientes o que acarretou certo esvaziamento de seu espaço.

Contudo, mesmo com essa concorrência desleal, as praças continuam a embelezar as áreas centrais das cidades como também a dos bairros com seu espaço aberto circundado pelo contraste verde. Numa época em que as áreas de lazer são suprimidas pela especulação imobiliária ou que dão lugar a outros empreendimentos do setor privado, as praças retomam o antigo status do lugar do encontro entre famílias, amigos, grupos sociais, do entretenimento, da sociabilidade, do lazer, do comércio, das festas e de tantas outras funcionalidades atribuídas a este espaço de livre acesso ao público.

Essa amplitude de atribuições só é possível graças, a um contexto histórico e social que ganha forma e representatividade com as particularidades impressas pelo povo, nesse tipo de espaço público. Ao se apropriarem socialmente do espaço e delimitarem seu território os grupos ou indivíduos já estão desenvolvendo suas territorialidades.

A inquietação por estudá-las surgiu a partir da observação rotineira das relações sociais que se estabeleciam na praça principal da cidade de Lagoa Seca e que, em um curto espaço de tempo, se realocavam ou se desfaziam. No entanto, com a mesma rapidez que desapareciam outras territorialidades já se encontravam em processo de consolidação naquele território. Nesta perspectiva, o presente trabalho se propôs a analisar a dinâmica da

---

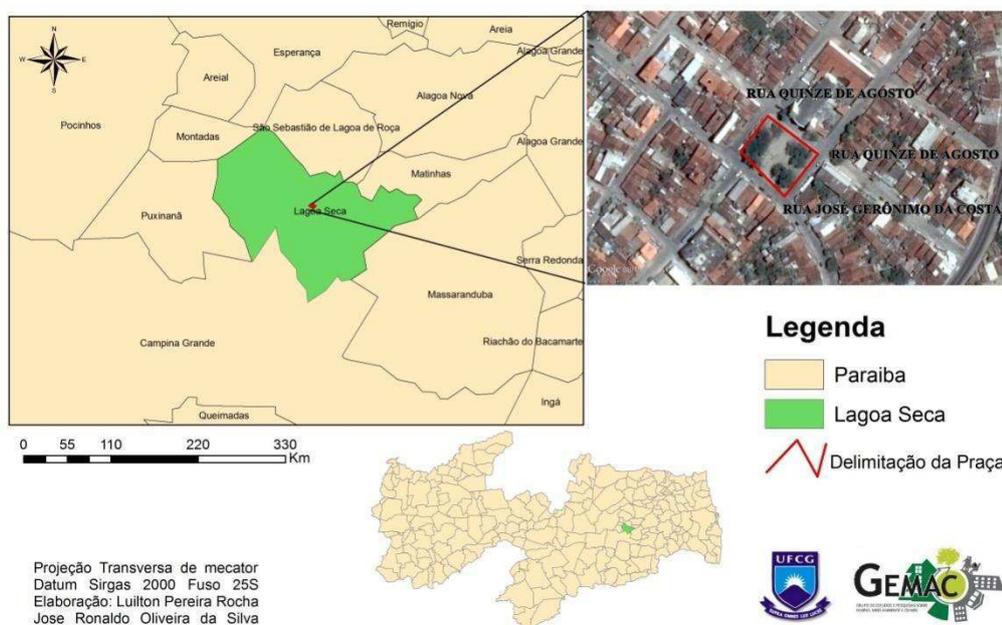
<sup>1</sup> As praças podem ser entendidas como um “espaço público aberto, construído ou adaptado a um vazio urbano, ou até mesmo aberto no meio do espaço urbano”. (PINTO 2003, p.26).

Praça Severino Cabral localizada na área central da cidade de Lagoa Seca –PB<sup>2</sup>, a partir da identificação de suas territorialidades. Como objetivos específicos pretendemos a) Discutir a noção de território e territorialidades; b) Apresentar sua importância como espaço de sociabilidade e de diferentes funcionalidades; c) Realizar o mapeamento de suas múltiplas territorialidades.

A área em estudo compreende a Praça Severino Cabral (Figura 1) que está delimitada a Sul pela rua José Gerônimo da Costa, a Leste pela rua Quinze de Agosto, a Oeste pela rua João Eusébio dos Santos e a Norte pela Igreja de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro.

**Figura 1 – Mapa de localização da Praça Severino Cabral**

**Mapa de Localização da Praça Severino Cabral na cidade de Lagoa Seca - PB**



Como problemática procuramos observar a dinâmica cotidiana da praça para verificarmos: Quem são os grupos ou agregados sociais que a frequentam? O que fazem? Em que horário e Por quê? Pois de acordo com Lima (2013, p.124) esses dois segmentos “são as formas de agrupamento social típicos do espaço da atualidade que empreendem

<sup>2</sup> É um município do estado da Paraíba, localizado a 129 km de distância da capital João Pessoa e está inserido na mesorregião do Agreste Paraibano. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 2016, a população era estimada em 27.398 habitantes, com área territorial de 109,342 km<sup>2</sup>.

ações e usos nos territórios urbanos. Eles se formam e se dissolvem constantemente num exercício de (re) construção cotidiana de suas territorialidades.”

Para averiguarmos essa situação, utilizamos uma abordagem metodológica de cunho qualitativo, tendo em vista que fizemos uso de referencial bibliográfico (livros, artigos, monografias e teses) entrevistas com os frequentadores e análise do cotidiano da praça.

O trabalho está estruturado em três capítulos, além desta introdução e das considerações finais, que abordam temáticas como o conceito de Território e territorialidade, espaços públicos e relações sócio territoriais. O primeiro capítulo intitulado **Da apropriação do espaço a formação de territórios e territorialidades** traz algumas discussões teóricas acerca da formação de territórios e as diferentes territorialidades encontradas no espaço público das praças. Fato este realizado por meio da ótica de alguns autores que centraram seus estudos nessa temática e na dinâmica social presente nas territorialidades. O capítulo termina com uma discussão acerca das diferentes formas de apropriação dos espaços públicos na atualidade.

O segundo capítulo intitulado **Praças públicas: seus usos e desusos** apresenta algumas abordagens gerais sobre a origem e funcionalidades das praças ao longo dos tempos, destacando seu papel na esfera social Grega e Romana, assim como suas diferentes tipologias. Além disso, mostra um panorama do surgimento das praças públicas brasileiras, como também, a história da Praça Severino Cabral. O capítulo encerra-se tratando especificamente dos procedimentos metodológicos adotados no trabalho.

Por fim, no terceiro capítulo intitulado **As relações sócio territoriais da praça Severino Cabral: Contemplando as relações cotidianas** trazemos os resultados e discussões da pesquisa fruto das observações cotidianas e das entrevistas realizadas com os frequentadores da praça, como forma de identificar e mapear as distintas territorialidades encontradas nesse espaço. Sendo assim, esperamos contribuir para valorização dos espaços públicos da cidade de Lagoa Seca, no caso específico da Praça Severino Cabral como um dos principais espaços das relações socioculturais dos Lagoa Sequenses.

## CAPÍTULO I

### DA APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO A FORMAÇÃO DE TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES

*“A formação de um território dá às pessoas que nele habitam a consciência de sua participação, provocando o sentido da territorialidade que, de forma subjetiva, cria uma consciência de confraternização entre elas.” (ANDRADE,2004 p.14)*

Neste capítulo, apresentamos inicialmente a discussão teórica sobre o conceito de território e territorialidades, que serviram como aporte para a pesquisa, na medida em que nos permite compreender a dinâmica da ocupação territorial do espaço público da praça Severino Cabral tratado mais adiante.

É crucial iniciarmos, frisando que não temos o intuito de fazer uma extensa revisão conceitual, mas pontuar as discussões basilares que orientam o debate sobre o conceito de território. Para isso, necessitamos regressar até as primeiras concepções da noção de território na tentativa de compreendermos suas diferentes abordagens ao longo do tempo.

Nossa finalidade neste capítulo é trilhar uma linha conceitual partindo da análise de alguns teóricos que contribuíram com a discussão de um dos pilares da Geografia que é o território. Posteriormente nos ateremos a noção de territorialidade por ser fundamental na análise das relações sociais e por fim encerramos o capítulo discutindo acerca do processo de apropriação dos espaços públicos.

### **1.1. Uma breve revisão sobre o conceito de território**

A noção do termo território vem sendo trabalhado em perspectivas diferentes ao longo da história humana. Encontramos menções a seu respeito não só na Geografia, mas também na Ciência Política na Antropologia entre outras áreas do conhecimento que voltam seu olhar para fatores como: a apropriação, dominação, conflitos ou limites territoriais tendo como elemento chave o poder que trataremos mais adiante.

Em meio a distintas bases teóricas nos ateremos as apreciações perpetradas por autores como Ratzel (s/d) apud Moraes (1990), Raffestin (1993), Souza (1995), Saquet (2008; 2010) e Correa (1998) além de outros nomes que se detiveram a discutir o conceito na perspectiva do poder, mas que expandiram e associaram o Território a outros elementos como por exemplo a noção de “Território Nacional”.

Um autor que procurou verificar o histórico das inúmeras leituras realizadas durante esse percurso foi Marcus Aurélio Saquet na obra *Abordagem e concepções do território* no qual, ele faz uma análise crítica dessa ampla literatura. Nessa obra (que não nos aprofundaremos) podemos perceber que o conceito de território era compreendido de acordo com a ótica de diferentes sociedades ou grupos dominantes. Ainda no século XV ele era debatido no âmbito de conflitos políticos e de dominação de novas terras, enquanto

que no século XVI já possuía uma conotação voltada para “desenvolvimento, identidade e cooperação internacional” (GOTMAM S/D *apud* SAQUET, 2010, P.27).

Diante do cenário explicitado, percebemos que o território foi recebendo conotações direcionadas aos organismos instituídos na época como os domínios dos reinos (Estado) que eram expandidos para as recentes descobertas terras do “Novo Mundo”, assim como as disputas territoriais presentes no período.

Mediante essa curta retrospectiva, nos atemos *A priori* as concepções de Sousa (1995, p.78) sobre o conceito de território o definindo como “um espaço determinado e delimitado por e a partir das relações de poder”. E esse poder concedido a algo ou à alguém é quem vai assegurar o domínio sobre o território, assim como sua permanência no mesmo.

A noção de “poder” está no centro das discussões sobre o território, e corresponde ao ato de agir em sintonia com os apelos dos demais, pois o poder não é propriedade de um indivíduo, mas sim emana de um grupo

Quando dizemos que alguém está no poder estamos na realidade nos referindo ao fato de encontrar-se esta pessoa investida de poder, por um certo número de pessoas, para atuar em seu nome. No momento em que o grupo, de onde originara-se o poder (potesta in populo, sem um povo ou um grupo não há poder) desaparece, ‘o seu poder’ também desaparece (ARENDDT, 1985:24 *apud* SOUSA 1995, p.80).

Nessa perspectiva, podemos entender que as relações de poder que se consolidam em determinado território são fruto de decisões em conjunto (grupo) e que se sustentam a partir dos interesses deste grupo. Partindo dessas concepções iniciais seguiremos em primeiro momento a linha teórica de alguns autores e gradativamente nos aproximaremos das discussões envolvendo o uso cotidiano do território.

Um autor considerado precursor da ciência geográfica e que abordou o Território na perspectiva de Estado foi Friedrich Ratzel quando o mesmo expõe que “não é possível conceber um estado sem território e sem fronteiras. Uma teoria do estado que fizesse abstração do território não poderia jamais ter qualquer fundamento seguro” (RATZEL, s/d *apud* MORAES, 1990, p. 73).

Para o autor a concepção de território estava ligada a composição do Estado nacional ao mesmo tempo que o território era um fator condicionante para existência do mesmo. Além disso, percebe-se a tentativa de elevar certo afeiçoamento pelo solo/pátria, pois segundo o mesmo, o território e o solo estão unidos de maneira invariável como explicitado pelo autor:

*O território, sendo um fator constante em meio à variação dos acontecimentos humanos, representa em si mesmo um elemento universal. [...] É surpreendente observar como o ambiente físico foi tomado em pouca consideração no estudo dos acontecimentos históricos. Ora diante de tanta incerteza não é melhor ficar no estudo de um elemento real, que é o território, que está sobre os nossos pés? Sobre esse território vemos claramente repetir-se o desenvolvimento das formas sociais e política, que tendem a ocupar espaços cada vez maiores [...] Na verdade o solo nos aparece como a causa mais profunda da sujeição humana, na medida em que permanece rígido imóvel e imutável, abaixo das mutáveis disposições humanas, e se ergue dominador acima do homem toda vez que ignora sua presença para adverti-lo severamente de que a raiz da vida está unicamente no solo (RATZEL, s/d apud MORAES, 1990, p. 74).*

Nesse sentido, o território seria uma espécie de palco permanente para as diversas relações humanas, e que os estudos sobre o que podemos compreender como os aspectos naturais presentes no mesmo não se debruçaram o suficiente sobre a temática. Ele ainda frisa que assim como o território o solo não padece das mutáveis relações humanas e permanece firme independentemente dos anseios humanos.

No entanto, Sousa (1995) contesta as ideias de Ratzel sobre o território enfatizando que “a territorialidade do Estado-Nação [...] é naturalizada por Ratzel, na medida em que este não discute o conceito de território desvinculando-o do seu enraizamento quase perene nos atributos do solo pátrio.

Assim como Sousa, Raffestin, também faz algumas análises críticas acerca da abordagem de Ratzel sobre o território (mencionadas anteriormente), quando em sua obra *Por uma Geografia do Poder* o autor faz algumas ressalvas acerca de sua abordagem conceitual

*O quadro conceitual de Ratzel é muito amplo e tão naturalista quanto sociológico, mas seria errôneo condená-lo por ter "naturalizado" a geografia política, algo que às vezes ocorreu. [...] O próprio Ratzel recuou e reconheceu que a comparação do Estado com organismos altamente desenvolvidos não era produtiva (RAFFESTIN, 1993, p. 12).*

Nas contribuições de Raffestin percebemos que o autor se refere a um ponto de encontro entre duas correntes de pensamento, a naturalista e a sociológica que juntamente com outras ciências influenciaram as concepções de Ratzel. Além disso, sua abordagem foi criticada por conta dessa associação entre o território, Estado Nação e solo como ressaltado por Raffestin (1993, p.13), “ele partiu da ideia de que existia uma estreita ligação entre o solo e o Estado”.

No entanto, Galvão e Bezerril (2013, p.233) afirmam que “num momento que a conjuntura do Estado é considerada pela ideologia neoliberal como enfraquecida e

combatida mesmo por correntes críticas à esquerda, reemerge a importância dos estudos de F. Ratzel referentes ao território”.

Outra abordagem bastante difundida sobre o território é a do já citado Claude Raffestin que acomoda suas discussões na perspectiva da formação de territórios a partir do uso do espaço quando afirma que

o espaço é antecessor ao território e, é resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço (RAFFESTIN, 2013, p.145)

Raffestin ao discorrer sobre o assunto nos permite entender que o território seria uma espécie de produto, fruto das relações de produção que se consolidaram sob o espaço ou seja, dos elementos representativos que torna aquele recorte importante para quem o usufrui. No entanto, ele deixa claro que embora o território esteja contido no espaço ele não deve ser entendido como tal

Evidentemente, o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder. Produzir uma representação do espaço já é uma apropriação, uma empresa, um controle portanto, mesmo se isso permanece nos limites de um conhecimento. Qualquer projeto no espaço que é expresso por uma representação revela a imagem desejada de um território, de um local de relações. (RAFFESTIN, 1993, p.145).

Nesse sentido, o referido autor enfatiza que além das relações de produção o território também seria fruto das relações de poder, numa combinação de energia e informação (RAFFESTIN, 1993, p.55). O que nos permite sintetizar essa convenção de poder, energia e informação na execução de alguma forma de trabalho proveniente da combinação desses elementos capazes de transformar o espaço para existir um território idealizado por algo ou alguém.

Diante do que já foi exposto, é perceptível que o conceito de território tem sido discutido por meio de diferentes enfoques levando em consideração as distintas linhas de pesquisa utilizadas por cada autor. Nessa perspectiva Saquet (2008) enfatiza que o território deve ser compreendido mediante a junção de características consideradas por ele, como geradoras do território e que refletem sua gênese. Ele ainda ressalta que é necessário que haja

Estudos que reconheçam, simultaneamente, características fundamentais do processo de apropriação, dominação e produção do território assim como as relações de poder, as identidades sim- bólico-culturais (traços comuns), as contradições, as desigualdades (ritmos lentos e rápidos), as diferenças, as mudanças (descontinuidades), as permanências (continuidades), as redes de

circulação, de comunicação e a natureza interior e exterior ao homem como ser genérico (biológica e socialmente) (SAQUET 2008 p. 73).

As contribuições de Saquet apontam para os processos de construção do território levando em consideração suas diferentes “dimensões” que vão desde a apropriação até as relações históricas e socioculturais que nele se estabelecem. Para isso, “o caráter material e imaterial do território e da territorialidade requer, evidentemente, uma abordagem que reconheça a unidade entre essas dimensões ou entre as dimensões da economia-política-cultura-natureza (E-P-C-N)” (SAQUET, 2008 p. 74).

Sendo assim, o autor discute a importância de se estudar o território, abordando essas dimensões que de certa forma se configuram por meio dos poderes que estão em atuação no espaço. Além disso, ele frisa a “relação espaço-tempo” como fator preponderante e essencial à concepção de cada território.

Outra abordagem que consideramos esclarecedora quanto a noção de território e que converge na perspectiva que trabalharemos em uma das praças públicas de Lagoa Seca é a de Roberto Lobato Correa que define território quanto a sua “apropriação”. Nesse quesito o autor revela que o mesmo possui um duplo sentido:

De um lado associa-se ao controle de fato, efetivo, por vezes legitimado, por parte de instituições ou grupos sobre um dado segmento do espaço. Neste sentido o conceito de território vincula-se à geografia política e geopolítica. A apropriação, por outro lado, pode assumir uma dimensão afetiva, derivada das práticas especializadas por parte de grupos distintos definidos segundo renda, raça, religião, sexo, idade ou outros atributos. Neste sentido **o conceito de território vincula-se a uma geografia que privilegia os sentimentos e os simbolismos atribuídos aos lugares[...]** Apropriação passa a associar-se à **identidade de grupos e à afetividade espacial.** (CORREA, 1998, p.251). Grifo nosso.

Diante dessa conjuntura, percebemos duas perspectivas: a primeira ligada a uma apropriação referente à política, a organismos mais poderosos (no caso da praça é um espaço público gerenciado pelo poder estatal, poder político) enquanto que a outra refere-se a uma escala de nível social, ligada as afinidades e simbolismos atribuídos ao espaço a partir da produção dos atores – agregados ou grupos sociais – como verificaremos no âmbito da praça Severino Cabral, isto é, na perspectiva dos usos sociais configurados sobre o espaço público da referida praça.

Até então, verificamos o conceito de território, apresentando-o por meio da ótica de alguns autores, suas múltiplas acepções ao longo do tempo como: sua associação ao solo pátrio, ao Estado Nacional; como um produto do espaço; como uma apropriação entre

outros. No entanto, pretendemos a partir desse ponto tomar como enfoque seus usos sócio territoriais como fator produtor de territorialidades no âmbito das praças públicas.

## 1.2. Territorialidades: interação entre homem e espaço

A territorialidade foi inicialmente tratada na perspectiva naturalista, ou seja na territorialidade animal, enquanto que “nas ciências do homem ela foi tratada, seja direta ou indiretamente, por aqueles que de perto ou de longe abordaram as relações com o espaço ou o território” (RAFFESTIN, 1993, p.159).

A noção de territorialidade pode ser definida como uma forma de apropriação social de um determinado território, a partir dos seus usos e desusos. Segundo Sack (1986 *apud* Lima, 2013, p.64), a territorialidade é “a tentativa de um indivíduo ou grupo para afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relações, e para delimitar e impor controle sobre uma área geográfica. Essa área será chamada território”.

Nessa perspectiva, a territorialidade se configura quando os indivíduos promovem ações no espaço, na medida em que: se apropriam, usufruem e exercem algum tipo de influência e controle (na perspectiva de poder) para que assim, garantam seu lugar no espaço. Ao fazerem isso, esses sujeitos ou grupos sociais dão início ao processo de delimitação de seu território.

Raffestin explica que

[...] a territorialidade-adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do "vivido" territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens "vivem", ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas (RAFFESTIN, 1993, p.158).

As palavras do autor referem-se em primeiro momento as relações de identidade que são criadas pelos usuários do território como sendo fruto de seu cotidiano. Isso pode ser verificado no cotidiano da praça Severino Cabral, quando observamos que ao ocuparem aquele espaço as pessoas já estão exercendo uma forma de territorialidade e ao fazer isso, tentam alterá-lo e transformá-lo. Para o autor os atores, sem se darem conta disso, se auto modificam também.

Nessa linha de intercambiável ligação entre o território e identidade, Senecal frisa uma importante contribuição sobre a noção de territorialidade ao destacar uma dupla leitura “confrontada” pela Geografia referente ao conceito. Segundo o citado

[...] a primeira enfatiza a capacidade das sociedades de criar suas representações e símbolos, como um modo de compreender e conferir significado a sua própria história e meio ambiente, expressa numa identidade espacial e comunitária; a segunda anuncia o desaparecimento das identidades e o fim dos territórios, sob as forças de estandardização e da mobilidade dos indivíduos (SENECAL,1992, p.29 apud CARA, 1998, p. 262)

Nesse contexto, são destacados dois pontos: a territorialidade e a identidade como sendo passíveis a sofrerem de fato, mudanças que colocariam em questão o que ele classificou como a “continuidade e descontinuidade” do território, já que são os atores – agregados ou grupos sociais – que dão significado aos “símbolos<sup>3</sup>e representações” arquitetados de forma voluntária no território (CARA, 1998).

A padronização e a mobilidade aparecem como fatores preponderantes a perda dos elementos característicos que dão aos indivíduos que ocupam um território o sentimento de pertencimento e identidade com esse espaço de relações sociais. Podemos entender a mobilidade como sendo uma forma de des-territorialização ou um desenraizamento dos territórios.

No caso da noção de identidade, existem atualmente diversos significados e que geralmente surge atrelado a ideia de cultura (Dumit s/d p.62). “A cultura é inerente a um grupo; a identidade se manifesta como ação social e coletiva concreta frente a outro(s)”. A cultura une um grupo; a identidade o diferencia de outros (PERICO, 2009: 61-63 apud DUMIT s/d).

Podemos observar esses elementos como forças articuladas presentes na territorialidade da Praça Severino Cabral, por exemplo, que agrupa em seu espaço territorial grupos e agregados sociais que a frequentam cotidianamente, e que se identificam com o mesmo na medida em que o territorializa e o “domina”, no momento em que o usufruem.

Enquanto que a cultura é própria de um grupo, a identidade irá diferenciar esses grupos sociais que estão ocupando o espaço público, pois cada um deles possuem afinidades distintas e isso pode ser entendido como um possível gerador de territorialidades sobre esse mesmo território.

Em sintaxe, não é por que vários indivíduos ou grupos ocupam um mesmo território que não existirá nele diversas territorialidades, já que um território pode ser entendido como “um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais” (SOUSA,

---

<sup>3</sup>Os símbolos são os instrumentos por excelência da ‘integração social’: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação [...], eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social (BOURDIEU,1989).

1995, p.86). Nessa mesma linha o autor em questão discute quanto a formação e dissipação de territorialidades em um curto espaço de tempo.

Na perspectiva de Sousa, essas territorialidades teriam uma dinâmica mais mutável do que imutável “ao invés de uma escala temporal de séculos ou décadas, podem ser anos ou meses, semanas ou dias. [...] ou mesmo ter uma existência periódica, ou seja em alguns momentos - isto é apesar de que o substrato espacial permanece pode permanecer o mesmo.” (SOUSA, 1995, p.87).

A partir das palavras do citado, podemos entender que a formação e duração de um território não deve ser entendido, apenas na perspectiva abordada nos primórdios da Geografia política etc. e de alguns autores que viam o território como algo consolidado ou nas palavras do autor “enraizado”. Mas sim, como algo mutável, instável, como consequente dos atores e grupos sociais que o ocupam.

No caso dos grupos sociais o que os reúne são as relações de afinidades entre indivíduos que partilham de um mesmo “elo” de ligação. Ou seja, cada integrante de um determinado grupo estão ligados por um mesmo objetivo comum. Nesse sentido,

O grupo apesar de motivado por esta práxis grupal, não pode existir como um “ser-concreto”, algo fixo e permanente, pois a liberdade aqui agrupada não possui nada de concreto que estabeleça o grupo em bases definidas de existência. Uma vez conquistado o fim comum, o grupo sofre uma ameaça de dissolução; ele se dispersa enquanto práxis comum e cada integrante volta a sentir-se em práxis individual. (BETONNI E ANDRADE, 2002, p.71 apud. LIMA2013, p.121).

Em outras palavras, o fato de estarem reunidos por um bem comum não significa que o grupo será invariável e que não se dissipará com o tempo, pois as relações de afinidades desse grupo estão intrinsecamente ligados com a interação com o meio a sua volta. São as relações cotidianas de identidade e materialidade com determinado espaço que levarão esses grupos a formarem territorialidades. Quanto aos agregados sociais “consiste num agrupamento com maior efemeridade e uma maior impessoalidade no tipo de relação estabelecida” (LIMA, 2013, p.124).

No contexto abordado até aqui, nos aproximamos dos objetivos a qual este trabalho se propõe que é analisar as diferentes territorialidades encontradas no espaço público da praça Severino Cabral. Contudo, ainda necessitamos compreender como elas são configuradas, já que apresentam diferentes acepções.

Para isso, Sousa (1995) nos apresenta alguns exemplos de formas de territorialidades “flexíveis”: uma delas seria as áreas de “obsolescências ou espaços

deteriorados” que consiste na ocupação de um território por diferentes grupos que o territorializam em diferentes períodos do dia.

Durante o dia as ruas são tomadas por o outro tipo de paisagem humana, típico do movimento diurno das áreas de obsolescência: pessoas trabalhando ou fazendo compras em estabelecimentos comerciais, escritórios de baixo status e pequenas oficinas, além de moradores das imediações. Quando a noite chega, porém, as lojas, com exceção dos bares e *nights clubs*, estão fechadas, e os transeuntes diurnos como trabalhadores” [...] cedem lugar a outra categoria de frequentadores como prostitutas ou garotos de programa [...] (SOUSA, 1995, p.88).

O autor chama essa territorialidade de “Cíclica”, pois existe uma alternância de usos, enquanto que sua ocupação noturna teria um aspecto de territorialidade “flutuantes” ou “móveis” por apresentar limites relativamente inconstantes. E o que está em questão não é a identidade propriamente, mas sua funcionalidade o que pode ocasionar em algumas circunstâncias disputas por estes territórios.

Ainda o autor propõe o entendimento de outros tipos de territorialidades partindo em primeiro momento da formação das redes que seria “[...] uma intercalação de nós [...] superpostas ao mesmo espaço e disputando a mesma área de influência econômica (o mercado consumidor) formando uma malha significativamente complexa” (SOUSA, 1995, p.96)

Ou seja, seriam territórios ocupados por um mesmo grupo que disputam seus interesses com os demais chamado pelo autor de “territórios descontínuos”, enquanto que um território ocupado e dominado por um único grupo pode ser entendido como um “território contínuo”.

De modo geral, podemos perceber que existem diferentes formas de se apropriar de um território, partindo da perspectiva que o mesmo pode apresentar usos distintos no decorrer de um curto período. Seja por um único segmento ou por segmentos contrários, de forma autônoma ou não. O fato é que um recorte territorial é fruto das relações edificadas sob o mesmo.

### 1.3. Os espaços públicos e suas apropriações

Nos espaços públicos das cidades contemporâneas, configuraram-se ao longo do tempo diferentes formas de apropriação territorial, tendo em vista que a complexidade das relações entre a sociedade e estes ambientes são influenciadas por um contexto que leva em consideração vertentes ligadas a esfera física, a simbólica, cultural entre outras.

Contudo, antes de nos debruçarmos sobre a temática proposta nesse tópico, devemos entender qual a noção atual atribuída aos espaços públicos. Sabe-se até então que o mesmo possuiu diferentes significações ao longo do tempo e não é nosso objetivo realizar uma reconstrução epistemológica de sua trajetória, mas sim compreendermos como sua apropriação é um fator gerador de territorialidades.

Diversos estudos sobre os espaços públicos seguiram uma linha teórica que se detinham apenas a alguns recortes territoriais urbanos. Castro (2002, p.54) destaca que ele era entendido como um

[...] prolongamento do espaço privado do habitat, ou ainda como um espaço coletivo apropriado por uma comunidade que o bairro deveria traduzir, através da sua escala, da sua estrutura, da sua forma e da própria vizinhança. Recentemente, a conceitualização da noção de espaço público tem caminhado, a par das transformações urbanas e sociais, daquela concepção mais restrita para uma noção mais abrangente. Passando por estações de metrô ou de comboio ou mesmo por parques de estacionamento (CASTRO 2002, P.54).

Nesse sentido, percebe-se uma ampliação no campo de estudo sobre os espaços públicos verificando a cidade e os espaços que a compõe sendo construídos pela administração política e influenciados por fatores culturais recorrentes a sociedade humana. Hoje entende-se como espaço público

[...] aquele que possui uma forma física e concreta (como praças, ruas, jardins, praias...) lugares onde é expresso o diálogo permanente e que se renova além do espaço abstrato, imaterial (comportamentos, a identidade, as afinidades...), as significações da palavra pública são influenciadas pela localização, que as modifica ou orienta, e, ao mesmo tempo, essa palavra e o diálogo contribuem para modificar também a significação dos lugares (GOMES, 2012 *apud* ROCHA 2014, p.19).

Assim, compreende-se que estes são áreas de convívio coletivo em que são materializadas relações de cunho social e de diversas significações para os grupos ou atores que os frequentam. Nesse aspecto destacamos as praças como sendo um dos tradicionais espaços públicos do ambiente urbano. No entanto, existem na atualidade espaços públicos que não são tão acessíveis como as praças e outros que são da esfera privada, mas são de uso do público em geral. Nessa perspectiva

O espaço público é uma determinação político-jurídica, mas também um produto do uso social, ou seja, existem espaços públicos inacessíveis ou proibidos e outros, que não são juridicamente públicos, mas têm um uso coletivo intenso. A noção de público não é, pois, uma qualidade intrínseca a um espaço, mas sim uma construção social e política que resulta da combinação de vários fatores, nomeadamente dos usos aí confinados; do sentido que é atribuído por um determinado grupo social; da acessibilidade; da tensão entre o estrangeiro/anônimo e o reconhecimento/ reencontro; da dialética entre proximidade e distância física e social. (CASTRO 2002, P.54)

Esta dicotomia tem como fundamentação todo um contexto histórico-social que difere o que pertence à vida privada e o que é de interesse público representando o modo de vida instituído ao longo dos anos. Podemos compreender a esfera privada como aquela dominada por um grupo e que não sofre ação direta do poder público como, por exemplo, os Shoppings centers, um espaço de acesso do público em geral, mas que tende a ser seletivo em algumas questões.

Enquanto que a esfera pública garante o livre acesso e circulação de pessoas como é o caso de ruas, praças e parques públicos. No entanto Serpa (2009 p. 20) ressalta que no “espaço público da cidade contemporânea o “capital escolar” e os modos de consumo são os elementos determinantes das identidades sociais”, ou seja, a acessibilidade ainda está pautada na hierarquia de classes.

A acessibilidade sem restrições poderia ser vista como um elemento condicionante ao surgimento das mais distintas formas de usos e desusos dos espaços públicos, pois permitiria a interação de atores distintos em um mesmo espaço territorial fazendo com que se estabelecesse diferentes territorialidades. Para o autor a “acessibilidade e a “proximidade são os elementos mais importantes para o público” (SERPA, 2009 p.76).

Porém, é cada vez mais comum a distinção de quem terá acesso as áreas consideradas nobres na cidade. O referido autor aponta que os espaços públicos urbanos tendem a ser suprimidos por estruturas que beneficiam um tipo de público e ao mesmo tempo deixa outro desassistido

A privatização dos espaços livres de uso coletivo é, no entanto, um problema que atinge as cidades como um todo, sem distinção de classes, como nos mostram as chamadas “invasões de colarinho branco” [...]. São condomínios que ocupam terrenos com playgrounds e áreas de lazer (de uso restrito aos moradores do prédio), são escolas e faculdades particulares que levam seus muros alguns metros à frente para abrigar mais laboratórios e salas de aula (de uso restrito aos estudantes daquelas instituições). (SERPA, 2009 p.31)

A substituição dos espaços públicos na cidade por elementos do setor privado leva a descaracterização de territórios que usufruíam daquele espaço, além de levar a segregação de parte da população que não pode mais acessar aquele ambiente que recebeu uma nova (re) significação.

O fato dos espaços públicos, está intrinsecamente ligado a forma dos indivíduos, assim como dos grupos sociais estarem dispostos no território e exercerem diferentes usos indica que os mesmos apresentam elementos relativamente atrativos e que permitem aos transeuntes livre acesso por suas dependências.

No meio urbano podemos identificar elementos que apresentam essa fluidez, como também apresentam certa interligação por estarem configurados como abertos acessíveis. Nesse sentido, assinalamos o caso das ruas e praças públicas, consideradas livres ao fluxo coletivo, e podem ser caracterizadas como:

A rua “lugar de circulação” e a praça como “lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas”.

Essas atribuições aferidas as ruas e praças podem ser entendidas como um componente potencializador a formação de múltiplos territórios o que é característico dos espaços urbanos contemporâneos como podemos perceber ao longo da discussão. “As territorialidades contemporâneas caminham no sentido de reafirmar o território apropriado pelos grupos e agregados sociais”. (LIMA, 2013 p.67).

Nessa perspectiva, essa reafirmação /apropriação de determinado território se dá por meio do sentido de identidade criado com o então recorte territorial. Podemos observar essa situação bastante corriqueira nas áreas de grande fluxos nas cidades como as praças e as ruas ao seu entorno quando são tomadas por frequentadores, vendedores, transeuntes entre outros seguimentos que territorializam aqueles espaços criando o que Costa (2007 apud Lima 2013, p.68) classificou como micro territorialidades.

Podemos compreendê-las como uma forma de utilização ou apropriação territorial característica por seu dinamismo de funcionalidades atribuídas por cada seguimento que está a ocupar aquele território. Nesse aspecto cada ator ou grupo que o utiliza demarca mesmo que de forma momentânea sua territorialidade na medida em que ela expressa seus anseios e significações para com este território.

De modo geral, podemos perceber ao longo deste capítulo como surgiu a noção de território, seu diferentes usos e linhas de estudo ao longo do tempo. Isso foi possível por meio da ótica de alguns autores que se propuseram a traçar linhas de análises sobre essa categoria e como a mesma poderia contribuir para com o entendimento do uso do espaço pelo homem, como forma produção dos territórios.

Além disso, analisamos como essa relação entre os diferentes grupos e atores culminava na formação de distintas formas de territorialidades nos espaços públicos e como esse convívio social apresenta uma dinâmica complexa que ultrapassa a barreira do material e se constitui de elementos como afeição, identidade, coletividade e principalmente o poder como força atuante no espaço territorial.

No capítulo consecutivo, trataremos mais especificamente de um recorte territorial do espaço público que vem a ser as praças públicas. Um palco diverso de manifestações sociais, culturais, comerciais, e de circulação, onde as relações territoriais também estão explicitas

## **CAPÍTULO II**

### **PRAÇAS PÚBLICAS: SEUS USOS E DESUSOS**

*Desde a ágora da antiga Atenas até os nossos dias, uma das funções da praça pública tem sido a de mesclar pessoas e diversificar atividades (Lima, 2000, p.195 apud Pinto 2003)*

Este capítulo trata especificamente sobre o objeto de estudo deste trabalho que são as praças públicas. Para isso, faremos algumas considerações acerca de suas origens e funcionalidades ao longo do tempo, conheceremos um pouco da história da Praça Severino Cabral, além de apresentar os caminhos metodológicos que utilizamos para execução desta pesquisa.

Tendo em vista as inúmeras tipologias de praças construídas ao longo do tempo necessitamos inicialmente realizar um arcabouço histórico acerca de como se deu seu surgimento. O que sabemos até então é que as praças sempre tiveram um papel importante como espaço público de uma cidade e que passaram por transformações arquitetônicas no decorrer do tempo.

## **2.1 As praças: suas origens e funcionalidades ao longo do tempo**

Os espaços públicos destinados ao convívio coletivo em sociedade passaram por diversas modificações arquitetônicas e culturais ao longo dos anos. E assim foi com os espaços que conhecemos hoje como as praças que de forma simplória, podemos defini-las como um espaço público urbano propício a relações de convivência entre os usuários, assim como de passatempo ou recreação.

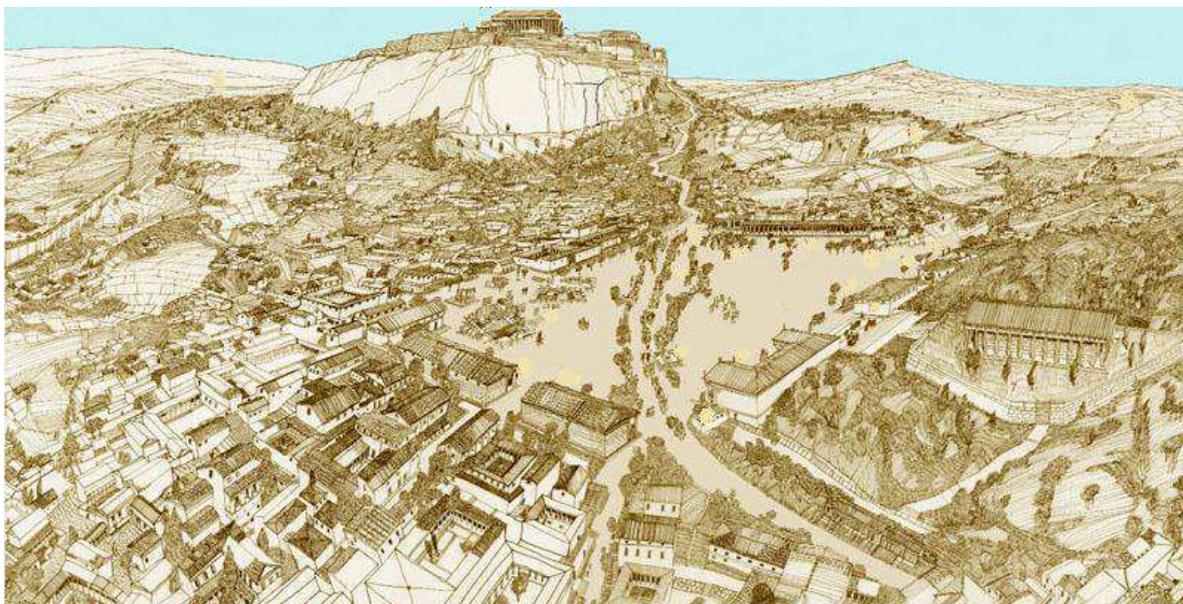
No entanto ao olharmos para o passado podemos perceber não só como ocorreram essas modificações, mas também podemos ver a gênese desse importante espaço na civilização Ocidental. “Da Antiguidade Clássica à era contemporânea, as praças representam elementos-síntese da organização urbana por constituírem lugares de manifestação e de culto, propícios à interação social” (KOSTOF, 1992 S/D *apud* CALDEIRA 2007 p.13)

Nessa perspectiva as praças apresentam certa simbologia no espaço urbano por se tratar de um palco de reproduções sociais que possibilita a seus frequentadores a possibilidade de mobilizar os demais atores que o utiliza para inúmeros eventos de cunho social. Seja para entretenimento ou para discussões de diferentes naturezas.

Esse espaço de destaque na atmosfera urbana teve como precursor a ágora (Figura 2), na Grécia. De acordo com Caldeira (2007 p.17) “A ágora constituiu a principal praça da civilização grega, representando o lugar de encontro dos cidadãos. Essa praça era formada por um pátio aberto, circundado por edifícios públicos e administrativos”. Nesse contexto, podemos perceber esses espaços abertos na rede urbana das cidades como uma

espécie de plataforma de integralidade e sociabilidade característicos por sua localização em áreas centrais próximos ao poder religioso e político.

**Figura 2 – Ilustração da Ágora de Atenas na Grécia – Século II a. C**



Fonte: My Arcuitectural Moleskine

Ainda segundo a autora, “assim como a Ágora, a Praça do Fórum, na civilização romana, desempenhou um papel central na vida da *urbs*. Espaço urbano principal, o Fórum era delimitado por edificações institucionais, religiosas e comerciais, e cercado por colonatas”. (CALDEIRA 2007 p.17)

Estes dois exemplos históricos de praças permite que possamos ter a real noção do papel que esses espaços públicos tiveram ao longo da história social urbana. Além disso, verificamos que as mesmas serviam como uma espécie de assembleia pública das principais instituições que dominavam o cenário na época.

Com a fundação das cidades, diversas tipologias de praças foram surgindo, moldando-se as necessidades topográficas e espaciais presentes em cada localidade. De acordo com a classificação de Kostof (1992 apud Pinto, 2003 p.27) “a praça do mercado e a dos centros cívicos, são as utilizações mais antigas dada as praças”. Embora, as duas apresentem utilidades que por vezes se confundam, é preciso diferenciá-las, pois cada uma possuía um propósito diferente como explicitado por Pinto (2003, p.27)

A praça do mercado é uma praça aberta onde as pessoas se reuniam para trocar, vender e comprar mercadorias, além de oferecer serviços diversos. Foram desde o século XVIII, sendo substituídas pelos mercados cobertos. [...] A praça cívica é

aquela cujo entorno é marcado por importantes prédios públicos, o que a torna palco para as exposições públicas de poder. (PINTO, 2003, p.27)

Esses exemplos históricos foram sendo transformados ao longo das inúmeras reformas e reestruturação urbana empreendida pelas gestões públicas nas cidades que tinham como propósito adequar os espaços públicos a uma nova lógica de desenvolvimento. Além disso, algumas funções exercidas em alguns tipos de praças passaram ser realizadas em outros espaços urbanos.

Além da praça do mercado e da praça cívica Kostof (1992) classifica ainda outros quatro tipos de praças sendo: a praça das armas que possuíam grandes dimensões e símbolos de poder; a praça dos jogos destinada a recreação é considerada o equivalente aos anfiteatros romanos palco para as lutas entre gladiadores; a praça de tráfego criada entre cruzamentos e vias de grande fluxo e por último as praças residenciais comum entre quarteirões e nos palácios da Renascença. (KOSTOF 1992 *apud* PINTO 2003, p.27)

Na linha de estudo sobre a temática podemos encontrar ainda menções a outros tipos de praças como a das igrejas, as praças de entrada e as chamadas de praças centrais. Avançando na discussão percebemos que as praças tiveram um papel importante como espaço para as manifestações populares em diferentes épocas. No mundo Medieval ela era utilizada para diversas finalidades como aponta Caldeira (2007, p.25) “além das feiras, festas, procissões e representações teatrais, outra atividade ocupava o espaço da praça: os julgamentos e as execuções públicas”.

Como sendo um espaço de diferentes usos e, sobretudo de visibilidade a praça no período Medieval tinha um caráter de destaque na cena do cotidiano urbano, pois seu espaço territorial apresentava uma volatilidade considerável, algo que foi se perdendo com o decorrer dos séculos, na medida em que outros espaços foram surgindo e anexando parte dos eventos que ocorriam nas dependências da mesma.

Um ponto a ser destacado é o uso da praça como forma de demonstração de poder como ressaltado por Caldeira (2007, p.25) “[...] para além de um espaço de sociabilidade, a praça era o lugar onde se demonstrava o poder das leis” dominado principalmente no período Medieval pela igreja.

Posteriormente a esse período, destacamos as transformações arquitetônicas por qual passaram as cidades com o advento do Renascimento. As cidades renascentistas passaram por uma reestruturação em seus traçados que alteraram não só as ruas, mas

também os espaços públicos no geral. A praça ganha status estético (esculturas, monumentos, obelisco) elementos que valorizam sua importância na esfera social.

De acordo com Pinto (2003, p.53) a diferença entre as praças Renascentistas e as Medievais “está na presença desses objetos de decoração, já dispostos em seu centro e a presença de edifícios isolados” o que foi suficiente para assegurar a dinâmica de distintas funcionalidades para este espaço.

Dentre os projetos de destaque que serviram como referência para tantas outras praças construídas pelo mundo destacamos as Italianas *Piazza di Santíssima Annunziata*, localizada em Florença, a outra foi a *Piazza Del Campidoglio* construída na cidade de Roma, a Francesa a *Place Dauphine*, em Paris e as *Squares* Inglesas.

Com o passar dos anos, a arquitetura das cidades e por consequente a das praças foram sendo influenciadas por estilos como o Barroco que já traziam consigo um novo conceito quanto a seus traçados “geométricos”. Posteriormente a esse período, mais precisamente no final do século XVIII ao XIX marca o fim da Época clássica e dá início a uma série de reformas que presa a esfera capitalista.

A cidade industrial não é expressão de uma mudança estrutural da cidade antiga, mas antes uma entidade nova, que se opõe a primeira, que a utiliza segundo sua própria lógica e a tendência de transformar radical. [...] as praças passam a ser um assunto de segunda ordem, mera consequência do plano da cidade. (DELFANTE, 1997. p. 230 - 243 *apud* PINTO (2003, p.61).

Essas novas concepções surgidas na época levaram a uma reorganização do espaço urbano que viam a estrutura antiga da cidade como um fato a ser alterado para atender aos novos anseios da época seja no traçado das ruas, no estilo arquitetônico das construções ou a outros elementos (indústria, circulação etc.) que culminaram para que esta reestruturação torna-se um fator constante.

O século XX foi marcado pelo modernismo que assim como as reformas que já vinham sendo realizadas no século passado voltou-se para um propósito de dar novos usos aos espaços urbanos “para que este se tornasse mais controlável pelo Estado, transformou a praça em local de passagem, dificultando assim as concentrações e manifestações populares subversivas ao Estado” (SILVA, 2006, p.28).

Até o momento fizemos uma breve retrospectiva da origem das praças públicas contemplando suas formas e usos desde a Grécia e Roma antiga, passando pelos períodos Medieval e da Renascença até o fim da era clássica. A partir deste ponto frisamos o contexto histórico que resultou na fundação das praças públicas idealizadas no Brasil.

### 2.1.1. Praças públicas brasileiras (uma breve recordação)

Para entender a origem das praças públicas brasileiras, necessitamos recorrer ao estilo arquitetônico adotado pelos colonizadores quando aqui edificaram suas primeiras construções. Os portugueses foram os principais responsáveis pela construção das primeiras edificações em solo brasileiro representados na forma de Vilas, igrejas e fortificações.

Além dos portugueses, outros povos influenciaram a formação das primeiras cidades como assinalado por Pinto (2003) localizadas na costa brasileira como Holandeses (Recife) e os Franceses (São Luís do Maranhão). A primeira capital brasileira (Salvador) e o Rio de Janeiro que receberia essa função anos mais tarde foram fundadas pelos portugueses que travaram inúmeros conflitos para expulsar os “invasores” de seus domínios.

De acordo com Reis Filho (1995 p.16, *apud* CALDEIRA, 2007 p.75) “Vilas e cidades tinham papéis eminentemente administrativos. Não havia trocas urbano-rurais. Mas havia, inegavelmente, trocas entre a retaguarda rural, que era a Colônia, e os mercados urbanos europeus” ou seja a vida nas vilas e cidades coloniais ainda não apresentava uma dinâmica espontânea, pois esses minúsculos aglomerados tinham como principal propósito a produção e exportação. Esse cenário passou a se modificar com o aumento da população de Vilas e cidades provenientes da imigração portuguesa para a colônia.

As praças brasileiras tornaram-se símbolos de um contexto histórico social, no qual elas serviram como palco, numa perspectiva que vai desde demonstração de poder como as repreensões aos escravos até o marco zero de algumas cidades como a praça da Sé em São Paulo. Nesse contexto é crucial destacarmos o papel da Igreja na formação das Vilas e cidades brasileiras.

No entorno dos templos católicos, uma área retangular formava um espaço amplo e livre denominado pelos urbanistas de “praças secas”. [...] “a denominação de praças secas a estes espaços públicos, só ocorreu mais tarde quando foi feita analogia entre as semelhanças destes espaços com as Piazzas, as Places Royales e as Plazzas europeias (LIMA, 2013 p.38).

Como o próprio nome já diz, eram espaços vazios cercado por edificações importantes na cidade o que pode ilustrar o papel que a Igreja tinha no período colonial. Com o decorrer do tempo esses espaços vazios passaram a ser utilizados pelas famílias que frequentavam a igreja e se reuniam após as celebrações o que Caldeira (2007) apontou

como sendo as “praças religiosas”. Podemos associar essa nomenclatura a fundação de nosso objeto de estudo que tem sua história associada a presença da Igreja Católica.

As primeiras praças Cívicas brasileiras foram construídas no período colonial. A primeira na então capital Salvador e ficou conhecida como a praça da Câmara caracterizada por apresentar diversas funcionalidades no cotidiano da cidade, enquanto que a segunda praça (15 de Março) de modelo semelhante as Places Royales foi edificada no Rio de Janeiro e destacou-se no cenário político (CALDEIRA 2007).

A história desses espaços confundisse com o nascimento da vida urbana das cidades na medida em que se tornaram referências dentro do contexto que estavam inseridos, como ambientes abertos e livres. Nesse sentido destacamos as praças destinadas ao uso sociocultural (lazer, diversão) enquanto que outras receberam em seu espaço aquilo que não se manifestava em outros recortes da cidade como, por exemplo, a Praça dos Três poderes em Brasília, um importante espaço simbólico da República.

Com o avançar dos tempos e com a modernização dos espaços considerados livres da cidade surgiu uma nova concepção para as praças, que no período colonial exibiam um aspecto opaco. Esses elementos que mudariam esse cenário e recobriria parte de seu espaço de verde foram denominadas como praças ajardinadas cujo objetivo era a contemplação e a livre circulação de seus frequentadores o que também contribuiu para a criação dos parques públicos.

Na contemporaneidade as praças passaram a concorrer com outros espaços urbanos –Teatro, cinema, Shopping – a função que desempenhava outrora, entretanto mesmo com o afastamento dos grupos sociais de suas dependências, ela ainda surge no cenário das cidades como ambientes livres, capaz de agrupar em seu espaço territorial uma gama de relações sociais reflexo do modo de vida urbana adotada pela sociedade na qual está inserida.

## **2.2 Um olhar sobre o objeto de estudo: a Praça Severino Cabral**

Quanto a nosso objeto de estudo é necessário destacarmos um pouco de sua história e importância para o município e para seus frequentadores. A Praça Severino Cabral está localizada na área central da cidade de Lagoa Seca – PB, e também é conhecida como a “Praça da Matriz” por ter sido edificada em frente à igreja Católica de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Figura 3).

No livro *“Tarimba - Aspectos históricos e culturais de Lagoa Seca (1929 – 1969)”* de autoria da historiadora Elisângela Santos encontramos algumas passagens que remontam a história da fundação da praça. De acordo com a historiadora este importante espaço público da cidade foi construído pouco tempo depois da finalização das obras da Igreja em 1956, enquanto Lagoa Seca ainda era distrito de Campina Grande e recebeu esse nome em homenagem ao então prefeito Severino Cabral que financiou a construção da praça.

Na obra citada acima podemos observar alguns recortes históricos relatados por antigos moradores da cidade: “No local daquela praça era um descampado, e na frente tinha umas casas e frei Constantino indenizou as casas e tirou as casas da frente da igreja. (SANTOS, 2007 p.77).

**Figura 3 – Vista aérea da Praça Severino Cabral e da Igreja Matriz**



Fonte: <http://freiosmardasilva.blogspot.com.br>

A partir desse relato, podemos compreender o cenário que existia naquela época, na medida em que é citado elementos religiosos – como a interferência do padre ao indenizar os moradores que ocupavam a frente da Igreja– favoráveis a construção da praça, pois o município recebeu grande influência religiosa da Igreja Católica. Santos (2007) destaca algumas formas de utilização da praça realizadas no passado que endossa essa influência religiosa em seu espaço.

A praça muitas vezes servia para realizar missas campais em datas especiais. Durante muito tempo, a praça foi ponto de lazer para a população de Lagoa Seca, sempre ao término das missas, os adultos paravam para conversar e as crianças para se divertir um pouco. (SANTOS, 2007 p.77)

No contexto explicitado, poderíamos classificá-la como uma **praça religiosa**, já que a mesma era utilizada para realização de celebrações de cunho religioso e parte de seus frequentadores advinham das dependências da Igreja. Contudo, não era apenas por este fator que a praça era frequentada, o elemento paisagístico – aspecto ajardinado – mostrou-se deveras importante na concepção de alguns frequentadores como podemos observar na (Figura 4).

Através de algumas entrevistas que realizamos com frequentadores de longa data da praça percebemos que ela tinha um aspecto agradável com a presença de elementos propícios ao lazer e a sociabilidade o que converge, com a fala do entrevistado:

#### **Figura 4 – Destaque para o aspecto ajardinado da praça**



Fonte: Santos, 2007, p.77

A praça era muito bonita. Tinha um gramado, bancos, árvores e um tanque. Ela era muito frequentada principalmente no final de semana quando era dia de missa ou quando tinha festa com os parques de diversões. Tinha um abrigo que era frequentado principalmente à noite para o pessoal jogar sinuca e beber cerveja. (J.A.S, 55 anos, Entrevista /Janeiro de 2017)

A entrevista converge com as palavras de Santos (2007, p.77) quando destaca que “a beleza da praça era tanta que, aos sábados e domingos, várias pessoas de Lagoa Seca e das cidades vizinhas vinham admirar os pombos, os tanques cheios de peixes e patos e tirar

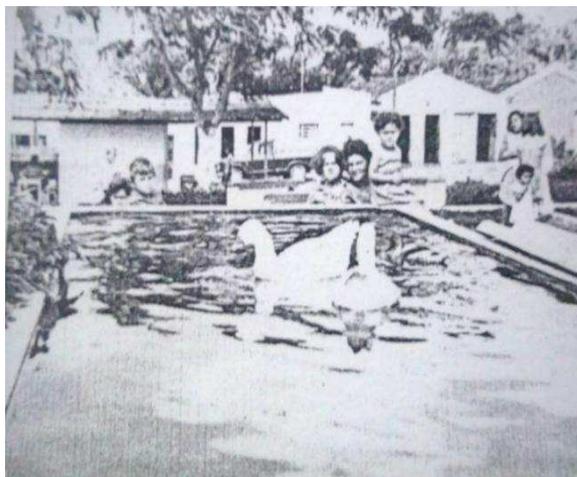
fotografias do lugar”. Nesse sentido, percebemos o quão importante é o aspecto estético do ambiente como um fator convidativo para que as pessoas passem a ocupar determinado espaço, e com isso criarem relações sociais que estejam ligadas as representações cotidianas edificadas no mesmo (figuras 5 e 6) como frisado por outro entrevistado:

Eu vinha muito aqui, era um lugar muito bonito. Tinha árvores grandes e até pequenos animais como hamster, coelhos... a praça era igual a um jardim ou parque. Quase todas as tardes eu vinha com meus irmãos para eles brincarem e no domingo eu vinha com minhas amigas. Ela foi construída com essa estrutura na gestão de Pedro Jácome. Nas gestões seguintes os prefeitos foram reformando até que um dia trouxeram um engenheiro e mexeram em toda a estrutura deixando ela com esse aspecto de quadra. A gente não gostou dessa mudança e a praça começou a ser pouco frequentada. Só víamos aos domingos ou quando era dia de festa. Hoje ela está deteriorada, não tem mais aquela frequência de antes, as pessoas que vão a missa não tem o mesmo habito de quando terminar ficar na praça conversando [...] Até os jovens a frequentam pouco, pois deveria ser muito movimentada. Hoje vejo algumas crianças brincando... algumas pessoas conversando, mas não é como antes. Hoje as pessoas procuram outros lugares como as lanchonetes. (G.B.N, 46 anos Entrevista /Janeiro de 2017)

**Figura 5 - Abrigo da Praça Severino Cabral**



**Figura 6 – Frequentadores da Praça**



Fonte: Acervo particular de Joab Alexandrino

As figuras 4 e 5 ratificam o cenário relatado nas entrevistas ao ilustrarem o cotidiano da praça no passado e a percepção de antigos frequentadores quanto a seu estado hoje. É perceptível na fala do entrevistado que a mesma era um espaço frequentado por diversos atores que ali desempenhavam formas distintas de ocuparem aquele território. Seja para contemplação dos elementos naturais ou para se relacionar, socializar com os outros frequentadores percebemos que a praça apresentava diversas significações. Tanto

para seus frequentadores quanto para outras instituições (religiosas e políticas) que se utilizavam de seu espaço territorial.

Com o passar dos anos, a Praça Severino Cabral passou por reformas estruturais promovidas pelo poder político municipal que acabaram por retirar os elementos paisagísticos tão bem citados e elogiados pelos frequentadores de outrora. Agora passara a ser um espaço público aberto – com uma área central livre de estruturas própria para receber grandes aglomerações de pessoas – propício a realização de festividades de diferentes segmentos.

O aspecto ajardinado fora resumido a poucas árvores distribuídas em pequenos núcleos nas extremidades da praça, enquanto que sua área central fora totalmente forrada com placas de concreto. Essa nova arquitetura contribuiu para que se formasse uma nova dinâmica na praça fruto das transformações e (re)significação da esfera urbana da cidade.

Nos últimos anos, a Praça Severino Cabral passou um total abandono do poder público. Sua estrutura já deteriorada com o tempo ainda sofre com a ação de vandalismo. Bancos, calçadas, símbolos históricos que contam a história do município encontram-se degradados e desprotegidos. Poucos meses antes da iniciação de nossa pesquisa, a comunidade Lagoa-Sequense por meio de um grupo de jovens da Igreja Católica e de voluntários promoveu uma ação em prol da restauração paisagística da praça (Figura 7a, 7b).

**Figura 7a e 7b - Jovens voluntários restaurando a pintura da Praça Severino Cabral**



Fonte: <http://www.blogdomarciorangel.com.br>

Atualmente, a praça é frequentada diariamente por crianças, jovens, adultos e idosos, distribuídos nos turnos da manhã, tarde e noite que a utilizam para se exercitar, praticar esportes como o futebol – praticado, sobretudo pelos adolescentes – artes marciais como a capoeira, grupos musicais entre outros tipos de frequentadores que a territorializam por ser um espaço público livre ao lazer e convívio social.

Além disso, a mesma é utilizada como principal palco para eventos públicos como festas populares, manifestações religiosas, culturais, e de reivindicações. No entanto, destacamos ainda um fator que tem contribuído para o esvaziamento da praça que consiste na falta de elementos atrativos a população para que a mesma apresente um número maior de pessoas transitando e frequentando suas dependências.

### **2.3 Caminhos percorridos para realização da pesquisa**

Para realização de qualquer pesquisa científica é preciso que sigamos um caminho para que se possa construir uma visão racional e imparcial do objeto de estudo em questão. Para isso, podemos nos apoiar nos diferentes métodos científicos que no decorrer do tempo nortearam pesquisadores por diversas correntes metodológicas. Nesse sentido, para que possamos alcançar nossos objetivos com esta pesquisa surge à necessidade do uso de metodologias, cuja principal finalidade, é nos direcionar a uma lógica que ultrapasse o olhar do senso comum. Quanto a isso, Malheiros assinala que

O homem se diferencia dos demais animais por sua capacidade de raciocinar e, com isso, buscar explicações para os eventos que ocorrem em sua vida. Essa busca de explicação acontece por dois motivos: compreender suas causas e controlar suas consequências. O processo de compreensão da realidade que cerca o homem não acontece aleatória, é feito levando em consideração o modelo de leitura do mundo que prevalece em uma determinada sociedade (MALHEIROS, 2011 p. 2,3).

Nesse sentido, podemos concluir que na atualidade é cada vez mais forte o papel creditado a ciência de compreender os inúmeros fatos questionáveis que pairam sobre a vida humana, sobretudo os presentes à nossa volta. Para isso é que existe o raciocínio científico imponderado de diretrizes que regularão e validarão o olhar do pesquisador desprendido de influências e percepções particulares.

No caso das pesquisas realizadas nas ciências humanas o autor ainda destaca que “o sujeito do estudo confunde-se com o objeto. Além disso, é preciso considerar que as relações sociais estabelecidas entre pessoas e grupos estão sujeitas às variáveis do

comportamento humano”, ou seja, a realidade investigada pode ser alterada em um curto espaço de tempo o que também presenciamos em nossa pesquisa.

Para execução da mesma e tendo em vista nosso objeto de estudo que consiste nas territorialidades da Praça Severino Cabral, situada na cidade de Lagoa Seca – PB optamos por utilizar a metodologia da pesquisa qualitativa que

é um processo que exige muito rigor do pesquisador, [...]. A abordagem qualitativa parte do princípio de que a realidade só existe do ponto de vista da pessoa. Ou seja, o que é real é a interpretação que se faz de um fenômeno, não um fenômeno em si”. (MALHEIROS, 2011, p.188)

Nesse sentido, para a coleta de dados para a pesquisa optamos pela observação do cotidiano da praça e pela realização de entrevistas com os frequentadores da mesma pelo fato de não haver muitos documentos ou fontes bibliográficas que relatem os aspectos históricos da Praça Severino Cabral. Assim como, para compreender o ponto de vista de alguns grupos sociais que territorializam a mesma.

Quanto a coleta de dados por observação, Malheiros (2011, p.190) afirma que “o estudo observacional pressupõe um sólido planejamento já que, em paralelo ao levantamento de dados, é imperativo garantir a redução das impressões subjetivas, além de se ter clareza sobre o fenômeno que se deseja observar.” Nesse sentido, é crucial que nosso olhar sobre o objeto de estudo se despida de qualquer impressão particular para que não influencie nos resultados.

Para facilitar a análise dos dados obtidos com as observações Moreira e Caleffe (s/d, apud MALHEIROS 2011, p.191) apontam procedimentos metodológicos que possibilitam diferentes formas de interpretação do que foi coletado em campo. No nosso caso optamos por duas formas: A primeira seria a “Narrativa ou registro contínuo que consiste na narrativa acerca do fenômeno observado. Aqui o pesquisador ao observar uma situação, busca descrevê-la usando sua interpretação acerca daquilo que vê.” Enquanto que a segunda, seria o “método de duração que tem seu foco na compreensão de quanto tempo um fenômeno ou uma situação leva para acontecer [...]”.

Utilizaremos o segundo para verificar a territorialidade de alguns grupos que utilizam a praça com espaços de tempo maiores que a presente no dia-a-dia. No que se refere as entrevistas optamos pelas “entrevistas com roteiro” (ANEXO A) que são conduzidas com base em um roteiro previamente estabelecido que orienta o pesquisador sobre o que se deseja saber da pessoa ou grupo que é entrevistado” (MALHEIROS, 2011, p.196, 197).

No geral, foram estes os procedimentos metodológicos adotados para execução deste trabalho. No capítulo a seguir, aprofundamos os usos dados a Praça Severino Cabral, como também apresentaremos e discutiremos as diferentes territorialidades presentes na mesma.

### **CAPÍTULO III**

## **AS RELAÇÕES SOCIOTERRITORIAIS DA PRAÇA SEVERINO CABRAL: CONTEMPLANDO AS RELAÇÕES COTIDIANAS**

“A praça, a praça é do Povo!  
Como o céu é do Condor!  
É antro onde a liberdade  
Cria a águia ao seu calor!”

Castro Alves

No terceiro e último capítulo, apresentamos os resultados e discussões da pesquisa fruto de observações de campo realizada nas dependências da praça. Nesse sentido, construiremos inicialmente, um perfil dos frequentadores deste espaço público, e posteriormente discutiremos sobre o propósito deste trabalho que concerne às territorialidades presentes na Praça Severino Cabral.

### **3.1. Construindo um perfil dos frequentadores da praça**

Para compreendermos como estão configuradas as territorialidades da Praça Severino Cabral, necessitamos averiguar o perfil dos frequentadores que a utilizam cotidianamente ou por eventuais temporalidades. Nesse sentido, observamos o perfil dos grupos que ali se formam, assim como dos agregados sociais que também se fazem presentes no território da Praça.

Esses dois segmentos que assinalamos em nossa pesquisa, apresentam características importantes a serem exploradas, pois no caso dos grupos sociais o que os reúne são as relações de afinidades entre indivíduos que partilham de um mesmo “objetivo comum” de ligação. Enquanto que os agregados sociais possuem uma dinâmica diferenciada da existente nos grupos, pois as relações pessoais são menos intensivas com os demais atores que também usufruem daquele território como ressaltamos no capítulo 1.

Na figura 8, definimos o perfil dos frequentadores da praça quanto a sua idade, escolaridade, frequência que visita a praça e se a considera um local seguro. Utilizamos como parâmetros, entrevistas realizadas com 30 frequentadores distribuídos entre as categoriais (perfil) listadas abaixo. Ao contemplarmos seu cotidiano, percebemos uma dinâmica propriamente dos espaços públicos com a circulação de transeuntes cortando seu território para acessar outros pontos da cidade, assim como presenciamos a formação de alguns grupos que marcam seu território criando assim múltiplas formas de territorialidades.

**Figura 8 – Quadro referente ao perfil dos frequentadores da Praça Severino Cabral**

<b>QUADRO 1 – Perfil dos frequentadores da Praça Severino Cabral</b>				
<b>Perfil</b>	<b>Idade</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Frequenta</b>	<b>Segurança</b>
<b>Adolescentes</b>	14 – 16	Escolaridade	2 Turnos	Baixa

intermediária				
<b>Jovens</b>	18 – 26	Escolaridade média a Intermediária	1 Turno	Baixa
<b>Homens</b>	30 – 55	Escolaridade baixa/intermediária	1 Turno	Baixa
<b>Mulheres</b>	28 – 46	Escolaridade média	1 Turno	Baixa
<b>Idosos</b>	55 – 60	Baixa escolaridade	1 Turno	Baixa

Fonte: Levantamento realizado pelo autor

Na figura 8, destacamos o perfil dos grupos que costumam frequentar a praça cotidianamente. Verificamos por meio deste levantamento que boa parte dos frequentadores da praça possui algum tipo de escolaridade definidas nesta “classificação” entre: baixa (pessoas que estudaram apenas o ensino fundamental ou menos), média, (que cursaram entre o fundamental e médio ou superior) intermediária (que ainda estão cursando um dos níveis de ensino citados anteriormente).

Outro ponto que assinalamos fora quanto aos turnos (Manhã, tarde e noite) frequentados pelos entrevistados. Apenas os adolescentes afirmaram que iam à praça em turnos alternados os demais afirmaram que raramente tinham tempo para frequentá-la em turnos consecutivos. Por fim, perguntamos aos entrevistados se eles consideravam a praça um local seguro. Todos os entrevistados afirmaram que não se sentiam tão seguros naquele ambiente.

Nessa perspectiva, o quadro acima se trata de uma representação dos atores sociais que compõe os grupos ou agregados que se estabelecem por meio das territorialidades na praça. Dentre os perfis já citados destacamos: Mulheres, homens e idosos que utilizam a praça para prática de atividade física; os vendedores nas barracas de guloseimas (figura 9) e nos trailers de lanches que apresentaram formas distintas de territorialidades; As crianças e adolescentes que também usufruem da praça atribuindo a ela funcionalidades que não são usufruídas da mesma forma por outros segmentos. Outro perfil de grupo que demarca seu território e exerce sua territorialidade por diversas partes da praça, chegando até mesmo próximo a Igreja são os grupos marginalizados e no caso os usuários de drogas; e por fim, o grupo que consideramos o maior a se apropriar

cotidianamente da Praça Severino Cabral foi o dos estudantes vindos de várias escolas espalhadas pela cidade configurando-se como a mais extensa territorialidade presente na mesma. Nesse grupo, percebemos uma característica que não identificamos em outros que concerne na subdivisão em grupos menores.

É importante frisarmos o perfil de alguns grupos que territorializam a praça de uma forma menos frequente que as dos já citados como os grupos culturais de capoeira (figura 9) e de música Afro.

**Figura 9 – Barraca de guloseimas, à esquerda, e grupo de capoeira**



Fonte: Shirlene Silva (2016)

Além da territorialidade exercida por esses grupos, destacamos outras que não pertencem a nenhum dos segmentos relatados anteriormente. Destacamos os frequentadores comuns como em qualquer outro espaço público livre que procuram esses lugares para passar o tempo, conversar, namorar entre outras particularidades. Nessa perspectiva destacamos idosos, mulheres, e adolescentes.

Para além dessa observação cotidiana, verificamos que a praça consiste em um grande palco para realização de festividades e eventos de diferentes concepções que em sua maioria costumam reunir multidões de agregados sociais que ocupam seu espaço territorial por um período de tempo considerável. Nesse contexto, destacaremos no próximo tópico algumas das principais manifestações sociais recorrentes na praça.

### 3.2. As territorialidades da Praça Severino Cabral

Anteriormente, construímos o perfil dos frequentadores da Praça Severino Cabral destacando algumas particularidades quanto a sua forma de territorialidade. Nesse tópico em questão nos aprofundaremos propriamente sobre cada uma das já citadas formas de uso do respectivo espaço público.

Neste aspecto, destacaremos a princípio os dados obtidos através da pesquisa de campo, referentes à apropriação cotidiana nos turnos da manhã, tarde e noite. Não abordaremos a madrugada por não registrarmos nenhuma forma de ocupação da praça nesse período. Isso não significa que o mesmo não venha ser apropriado futuramente a esta pesquisa, pois este fato se dá de forma múltipla e complexa e está condicionado a dinâmica social local.

Diante do explicitado, destacamos na Figura 10 abaixo, o período em que os grupos e agregados sociais ocupam a Praça Severino Cabral.

**Figura 10 - Tabela dos turnos das territorialidades dos frequentadores da Praça**

<b>Turno das territorialidades dos frequentadores da Praça</b>	
<b>MANHÃ</b>	Idosos (mulheres e homens), vendedores, estudantes, adolescentes, usuários de entorpecentes.
<b>TARDE</b>	Estudantes, consumidores, vendedores, casais, crianças, usuários de entorpecentes.
<b>NOITE</b>	Estudantes, vendedores, consumidores, adolescentes, jovens usuários de entorpecentes.
<b>MADRUGADA</b>	Não foram identificados grupos ou agregados neste período.

Fonte: pesquisa de campo do autor

Cada um desses seguimentos territorializam a praça para fins distintos. Alguns a frequenta apenas em um único turno. Já outros apresentam certa elasticidade e retornam em outros momentos do dia. Procuramos entrevistar quase todos os grupos assinalados

acima como forma de compreendermos não só o perfil de cada um, mas também como estes atuam, sociabilizam e o que acham do referido espaço público.

Para iniciarmos a análise sobre os referidos grupos começaremos destacando o horário que cada um deles constitui suas territorialidades. De onde vem? Como chegam até ela e o que acham da mesma?

No caso do grupo das mulheres e idosos (Figura 11) a praça é utilizada para pratica de atividades físicas como caminhada, alongamento entre outros iniciando as 05h30min e terminando por volta das 06h30min. Verificamos que esse grupo composto geralmente de 5 a 8 pessoas frequenta a praça cotidianamente e até mesmo expande seu território pelo quarteirão. A maioria é proveniente das adjacências da praça ou de bairros próximos.

**Figura 11 – Pessoas caminhando na calçada da praça no início da manhã**



Fonte: Trabalho de Campo - Dezembro de 2017. SILVA, J. R.O.

Quanto ao comércio instalado nas dependências da Praça Severino Cabral apuramos que existe certa alternância de vendas, pois durante o dia ou períodos, parte deles não apresenta nenhum tipo de funcionamento, mas a noite ou em ocasiões específicas (festividades) eles reabrem e atendem a um grupo de clientes-frequentadores-transeuntes específicos ou próprio a sua funcionalidade.

No que concerne aos vendedores, não podemos classificá-los como grupo, pois não identificamos esse perfil nos mesmos. Contabilizamos 4 (quatro) territórios de comercialização de produtos do gênero alimentício. No entanto, constatamos que apenas um deste funciona tanto de dia, como a noite. Como forma de suprir essa deficiência comercial existente no espaço territorial da praça os moradores da redondeza abriram sorveterias a poucos metros da mesma criando assim, um ciclo de vendas, além de uma relação direta entre os frequentadores e os moradores das imediações da praça.

Quanto aos grupos marginalizados como os usuários de drogas observamos uma forma de territorialidade móvel, pois estes transitam por vários recortes espaciais da praça. Em momentos de maior competitividade territorial com outros grupos como os dos estudantes, verificamos que estes permaneciam retraídos entre a praça e as escadas da Igreja.

Já em relação aos estudantes, percebemos que esse grande grupo subdivide-se em grupos menores (Figura 12a e 12b) provenientes das relações edificadas no espaço escolar que são levadas e reproduzidas no espaço público da praça. Esta forma de territorialidade flutuante verificamos nos subgrupos espalhados pelas dependências da praça que costumam frequentá-la diariamente.

**Figura 12a e 12b – Grupos de estudantes distribuídos pela praça**



Fonte: Trabalho de Campo - Janeiro de 2017.

Dentre as entrevistas que realizamos com os estudantes destacamos duas que explicitam a relação existente entre os grupos que territorializam a praça. A primeira

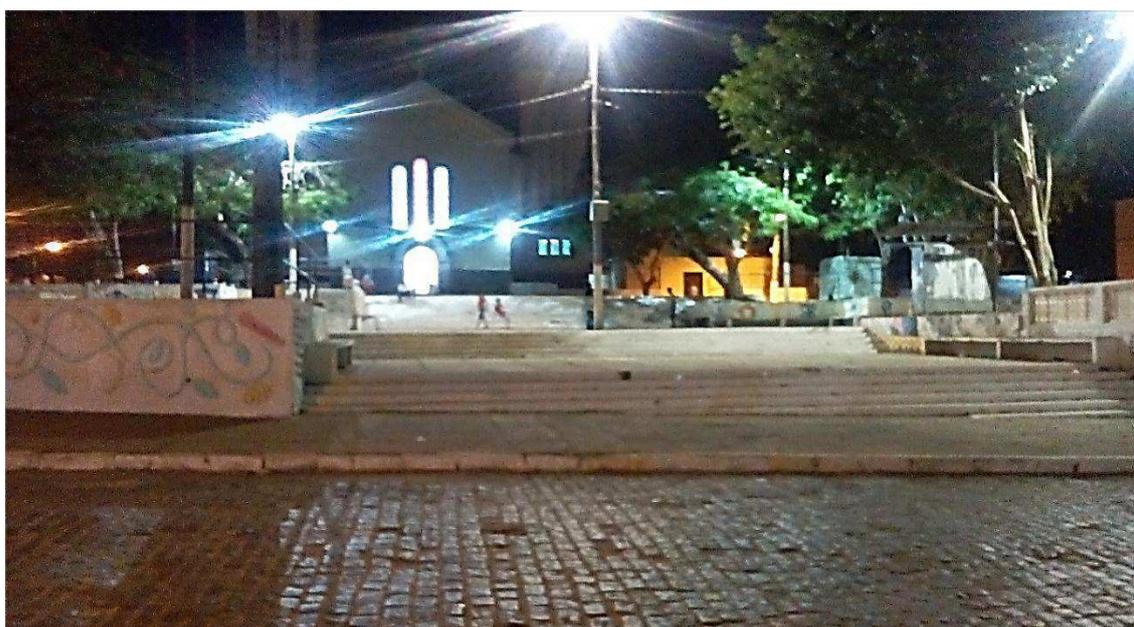
identificaremos como J.N. 14 anos que reside na zona rural do município e afirmou que a frequenta todos os dias. Segundo a entrevistada a praça é um ótimo lugar para se relacionar com as pessoas, no entanto ela não se sente segura em seu espaço. Por este motivo, ela sempre a frequenta em grupo de amigos.

Encontramos certa sincronia ao entrevistarmos uma estudante pertencente a outro grupo que a identificaremos como A.T. 15 anos residente de um bairro próximo à praça. De acordo com a entrevistada, a praça é um ambiente bom para conhecer e conversar com as pessoas, contudo ela não a considera um lugar seguro. Em um momento da entrevista ela nos relatou que não gosta do grupo dos “fumadores” referindo-se aos usuários de drogas.

Este fato também fora enfatizado por outra entrevistada identificada como G.B.N, 46 anos residente na cidade que afirmara frequentar pouco a praça devido a sua falta de atratividade e por causa desses usuários. Por meio da ótica desses frequentadores percebemos que há certo distanciamento entre grupos, agregados, indivíduos de diferentes acepções.

Além dessa dinâmica de relacionamento e de territorialidade citadas acima, destacamos agora aquela que além de se apropriar, também atribui outra funcionalidade a praça. Nesse sentido destacamos a territorialidade configurada pelos adolescentes que utilizam a praça para prática de esporte (Figura 13) como, por exemplo, o futebol.

**Figura 13 – Adolescentes praticando esporte à noite.**



Fonte: Trabalho de Campo - Janeiro de 2017. SILVA, J. R.O

Esse grupo caracteriza-se por ocupar o espaço central da praça transformando-a num tipo de quadra. Observamos essa territorialidade se formar pela manhã e tarde em dias alternados, assim como no fim de semana. No entanto verificamos que ela costuma ocorrer mais efetivamente a noite. Segundo os participantes do grupo, a noite não tem muita gente e a temperatura é mais agradável.

As figuras 14, 15, 16 ilustram a dinâmica das territorialidades analisadas até então, destacando como estas estão distribuídas na área territorial da praça. A figura 14 representa as territorialidades matutinas esboça em verde o trajeto ocupado pelos idosos, enquanto que as outras cores remetem as territorialidades dos grupos que se apropriam da praça nesse período como adolescentes e usuários de entorpecentes. Nota-se a predominância do grupo dos estudantes.

**Figura 14 – Territorialidades Matutinas da Praça Severino Cabral**



A figura 15 referente ao turno vespertino, verificamos a ausência dos idosos e a permanência de outro seguimento de estudantes. Além disso, nota-se o surgimento de novas territorialidades como a dos casais representados em rosa e a ampliação do território dos adolescentes. Quanto ao território dos comerciantes percebe-se que não houvera

nenhuma alteração em comparação com o período da manhã. No entanto, a territorialidade dos usuários de entorpecentes se manifestou em outra área.

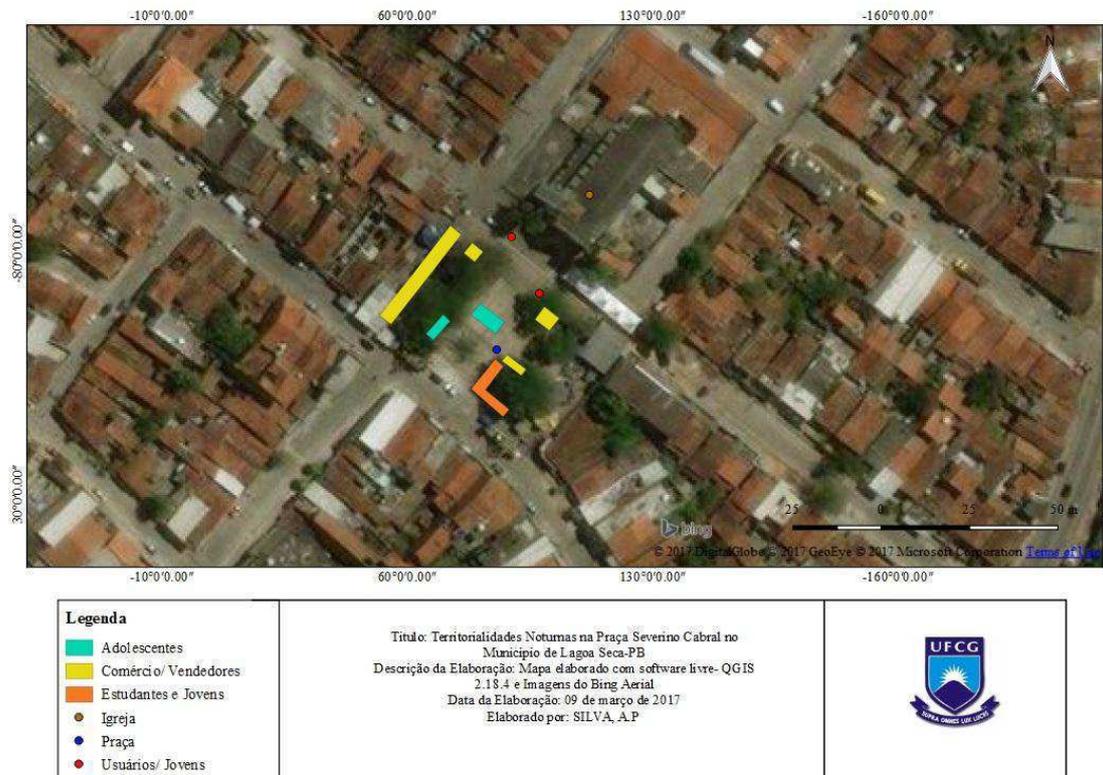
**Figura 15- Territorialidades Vespertinas da Praça Severino Cabral**



Já no turno Noturno (figura 16), percebemos a redução do território ocupado por seguimentos de estudantes, enquanto que a territorialidade dos vendedores mostra-se mais efetiva e espacializada na praça. Nota-se a permanência dos grupos marginalizados (usuários de entorpecentes) que acabam por se integrar a de jovens que costumam frequentar a praça nesse período. Ressaltamos ainda a permanência de grupos de adolescentes.

Além dessas territorialidades assinaladas até o momento, destacamos aquelas que se configuram de forma mais pontual e efêmera como as dos já citados grupos de capoeira e de músicas afro. Os dois grupos costumam utilizar o mesmo espaço territorial em dias alternados. Os capoeiristas territorializam a praça no último sábado de cada mês, enquanto que o de música afro mostrou-se menos preciso quanto aos dias de ocupação.

**Figura 16 – Territorialidades Noturnas da Praça Severino Cabral**



Ao entrevistarmos uma integrante pertencente ao grupo da capoeira identificada como S.S. 17 anos, percebemos com qual escopo o grupo se apropria daquele recorte territorial. De acordo com a entrevista, “a roda da matriz” – como o grupo costuma chamar as apresentações realizadas na Praça Severino Cabral – é o espaço que eles utilizam para divulgar sua arte, e trocar novas experiências. Como não há outro tão aberto a população a praça tornou-se o “palco” para suas apresentações.

Nesse sentido, a praça caracteriza-se como um espaço simbólico para o grupo na medida em que este serve como “ponte” entre o que é articulado no interior do grupo e o que é exposto para o público fora dele. Além disso, percebemos certo simbolismo já no título atribuído a apropriação realizada mensalmente na medida em que indica uma apresentação realizada exclusivamente para aquele local.

Até o momento, analisamos as territorialidades acomodadas de forma cotidiana ou que ocorrem de forma mais pontuais presentes na praça em estudo. No entanto, existem aquelas formadas não por grupos, mas sim, pelo público em geral podendo chegar até mesmo a grandes multidões de agregados sociais. Nesse sentido, elencaremos algumas

eventuais territorialidades que se manifestam em espaços de tempo maiores do que as dos citados.

Entre os eventos que ocorrem na Praça Severino Cabral, responsáveis por agrupar centenas de pessoas, destacamos: o **Cristo fest** (figura 17a e 17b, evento religioso Católico que acontece periodicamente no mês de Novembro), **São Pedro na Praça** (festividade junina municipal), a Festa de **Emancipação política** (ocorre no mês de Janeiro) o feriado de **Sete de setembro** (que reúne um grande aglomerado de pessoas na praça e nas ruas ao seu entorno. Apesar de grandes eventos, a Praça não sofre mudanças em sua estrutura para recebê-los. Os eventos acabam se adaptando à forma da Praça.

Essas festividades destacam-se por sua importância no calendário de eventos do município, contudo, registramos ainda a ocorrência de outras solenidades de menor influência promovidas por agentes da esfera pública ou privada como: eventos comemorativos, sociais ou realizados por religiões protestantes.

**Figura 17a e 17b – Agregados ocupam a área territorial da praça em evento religioso.**



Fonte: ypuarana.blogspot.com.br

De modo geral, tanto os grupos sociais como os agregados são os atores que dão vitalidade a esses espaços de uso público da cidade quando executam tarefas simples de seu cotidiano como: frequentar o espaço da praça para se encontrar com os amigos; comercializar alguma mercadoria; desenvolver alguma atividade cultural, entre tantas outras formas de sociabilidade.

E essa (re)construção cotidiana é o que demonstra um sentido de identidade criado com aquele espaço, fator este que resulta na construção de um território por representar

para esses segmentos – grupos e agregados – certo simbolismo ou identidade como frisado anteriormente por Bourdieu (1989) e Cara (1998) no capítulo 1.

No que se refere ao horário/dia de maior movimentação, notamos que a praça é bem frequentada no final da manhã por volta das 10h00min e no fim da tarde a partir das 16h30 minutos. Ao compararmos estes dois turnos, fora perceptível que o período vespertino concentra a maior parcela de frequentadores. Esses horários e turnos representam o fluxo observado de segunda a sexta-feira, enquanto que no final de semana a praça apresenta um baixo número de frequentadores, a exceção ocorre nos dias de alguma eventual manifestação religiosa ou cultural.

Ao entrevistarmos alguns desses frequentadores, quanto ao turno que costumam ir a praça, nos fora respondido que isso variava com a disponibilidade de tempo. Um dos entrevistados nos relatara que: “a gente se concentra aqui na praça depois da aula, é onde a galera tá!” M.G.13 anos. Consideramos a presença dos estudantes um fator preponderante para o grande fluxo de pessoas (grupos, transeuntes, vendedores, consumidores, entre outros) que tornam o espaço territorial da praça plural e dinâmico.

Além dos fatores relatados acima, constatamos outro ponto que acreditamos interferir tanto no fluxo de pessoas circulando pelas dependências da praça, quanto na apropriação daquele território que consiste em sua estrutura física. No levantamento que fizemos somado as entrevistas nos fora perceptível que este “componente” é visto de forma negativa pelos frequentadores da praça. Uma de nossas entrevistadas expôs sua percepção ou opinião quanto ao estado em que se encontra nosso objeto de estudo: “o modelo de hoje nem parece uma praça, ela está totalmente desfigurada. Antigamente ela era uma praça, era um ponto de referência para o município, hoje só tem o nome, não tem mais nada haver”. I.A. 50 anos.

O desapontamento expresso nas palavras da entrevistada consiste no que discutimos no tópico 2.2 do capítulo 2, quando descrevemos os problemas estruturais por qual se encontra a Praça Severino Cabral. Além de destacarmos este fato o mesmo fora corroborado por nossos entrevistados. Nesse sentido, podemos concluir este capítulo afirmando que a referida praça em estudo apresenta múltiplas territorialidades distribuídas entre os turnos e que apresentam suas próprias particularidades e identidades com aquele território.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos a dinâmica das territorialidades configuradas na Praça Severino Cabral, percebemos que elas procuram se adaptar ao espaço territorial na qual estão inseridas. A temática mostrou-se tão complexa e instigante quanto as relações sociais que dão vitalidade e funcionalidade ao espaço público estudado.

Não foi nossa intenção esgotar a temática, pois as interações que acontecem entre os sujeitos cotidianamente ou em um curto espaço de tempo tendem a sofrer mutações, mas sim compreender a luz da ciência fenômenos que ocorrem a nossa volta e que por vezes permanece apenas no senso comum.

Ao longo desta pesquisa, podemos contemplar o que Raffestin nos explicou e apresentamos no capítulo 1 que vem a ser a formação de territórios dispostos no espaço, ou seja, os recortes realizados na área espacial da praça alicerçados por meio não só das relações de poder, mas sim de afinidades, de identidades, de simbolismos de convivência social entre outras forças que circulam nos espaços públicos.

Ao adentrarmos na realidade dos sujeitos que desempenham suas atribuições sociais na Praça Severino Cabral percebemos que existe certa afinidade com o ambiente quando expuseram suas lembranças de outrora, de momentos vividos em família ou em grupos de amigos. Das festas e dos parques de diversões que aglutinavam tantos agregados além da bela estrutura que os rodeava. Por outro lado, fora perceptível o desapontamento com a decadência estrutural que se encontra a Praça atualmente. Este fato predominante na fala dos entrevistados explicita a reprovação por parte da sociedade quanto à manutenção dos espaços públicos de uso coletivo gerenciados pelo poder público.

Contudo, mesmo com esse ponto negativo, presenciemos a formação de territorialidades cotidianas do nascer ao pôr do sol. Umas ligadas ao lazer – mesmo com a falta desse elemento, a população adaptou-se a realidade local e atribuiu a praça a funcionalidade de uma quadra – outras a sociabilidade e afinidades em comum, assim como aquelas ligadas ao fator econômico (privado) e cultural.

Esses fatores que indicam com qual objetivo os sujeitos ocupam, se apropriam, interagem e exercem suas territorialidades no espaço público da praça podem ser entendidos como as ferramentas que moldam ou dão forma as relações humanas que ali se instituem. Nesse sentido, podemos afirmar que as territorialidades presentes na Praça Severino Cabral são frutos em primeiro momento de um contexto histórico, social e cultural na medida em que ela representa um valor simbólico para população e para seus

frequentadores que a utilizam não só em circunstâncias rotineiras, mas também como eventual plataforma de comunicação social e política ou seja de divulgação.

O outro fator reside na esfera econômica que se apropria dos espaços de uso público criando uma dinâmica de consumo. Em nosso objeto de estudo, verificamos que este elemento existe, mas que não atua de forma tão efetiva abrindo espaço para as áreas adjacentes a praça.

De modo geral podemos classificar as territorialidades da praça Severino Cabral como efêmeras e elásticas que não permanecem territorialmente consolidadas por um período longo de tempo. Geralmente os frequentadores analisados no capítulo 3 se apropriam da praça por uma ou duas horas e se expandem além de sua “demarcação”. Como também há aquelas que se apropriam do referido espaço em dias alternados. Além da presença de territorialidades que apresentam um caráter móvel ou flutuante como a dos grupos marginalizados (usuários de entorpecentes) dos idosos (atividade física) que se deslocam de seu território habitual.

Ao mapearmos essas territorialidades compreendemos qual a real importância ou funcionalidade que a praça tem para a população em geral, pois cada segmento analisado representa um pequeno fragmento das diversas relações que se propagam no meio social local. Sendo assim, as praças públicas e no caso em específico da praça Severino Cabral, continua a ser um espaço de múltiplos territórios característicos por suas especificidades e por que não cumplicidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Manuel Correia de, **A questão do Território** In. A questão do Território no Brasil. – 2. ed. – São Paulo: Hucitec, 2004 p.20

BOURDIEU, Pierre. "**Sobre o poder simbólico**". In: **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989. p. 7-15. Disponível em <http://www.sociologia.s5.com/bourd1.htm> acesso em 22 de fevereiro de 2016.

CALDEIRA, Júnia Marques. **A praça brasileira - Trajetória de um espaço urbano: origem e modernidade**. Campinas, 2007

CARA, Roberto Bustos. **Territorialidade e identidade regional no Sul da província de Buenos Aires**, In. Santos, Milton et. all. Território, Globalização e Fragmentação. São Paulo, Hucitec, 1998 p. 262

CASTRO, Alexandra. **Espaços Públicos, Coexistência Social e Civilidade Contributos para uma Reflexão sobre os Espaços Públicos Urbanos**. Cidades- Comunidades e Territórios Dez. 2002, n. 5, pp. 53-67

CORRÊA, Roberto Lobato. **Territorialidade e corporação: um exemplo**. In: SANTOS, Milton et.all Território, Globalização e fragmentação. São Paulo, SP.: Hucitec, 1998 p. 251

DUMITH, Raquel de Carvalho. **Território, Territorialidade E Identidade Dos Pescadores Artesanais: Subsídios Conceituais Ao Planejamento E Gestão De Reservas Extrativistas Marinhas**. Rio Grande (s/d)

GALVÃO, Iapony Rodrigues. BEZERRIL, Kellia de **Oliveira O povo e seu território: uma discussão sobre a teoria de Friedrich Ratzel**. Revista de Geopolítica, Natal - RN, v. 3, nº 2, p. 230 – 238, jul./dez. 2012.

LIMA, Jeyson Ferreira Silva de. **Praças públicas caicoenses: Territorialidades, sociabilidades e identidades**. Natal 2013.

MALHEIROS, Bruno Taranto. Metodologia da pesquisa em educação. Rio de Janeiro. Guanabara, 2011.

MENDONÇA, Eneida Maria Souza. **Apropriações do espaço público: alguns conceitos**. In. Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, v. 7, n. 2, p. 296-306, ago. 2007

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Ratzel**. São Paulo: Ática, 1990.

PINTO, Renata Inês Burlacchini Passos da Silva. A Praça na história da cidade: o caso da Praça da Sé – Suas faces durante o século XX (1933 / 1999) Salvador ,2013.

- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. França. São Paulo: Ática, 1993.
- ROCHA, Iris de Fátima Costa. **Espaço Público: Um olhar sobre a Praça Zé De Melo no município de Soledade** – PB. 2014.
- SANTOS, Elisangela Jerônimo dos. **Tarimba: Aspectos Históricos e culturais de Lagoa Seca (1929 – 1969)** Bauru, 2007
- SAQUET, Marcos Aurélio. **Por uma abordagem territorial**. In: Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. Marcos Aurélio Saquet, Eliseu Savério Sposito (org.) --1.ed.-- São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Abordagens e concepções de território**. 2ª ed. São Paulo, Expressão Popular, 2010
- SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. 1ª edição. São Paulo, 2009
- SILVA, Elizete Américo. **Espaços públicos e territorialidades: as praças do Ferreira, José de Alencar e o Passeio Público**. Fortaleza, 2006
- SOUZA, Marcelo José Lopes. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: Castro et al. (orgs.) Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.1995

**ANEXOS**

## **ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS FREQUENTADORES ANTIGOS E ATUAIS DA PRAÇA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO PROJETO: A PRAÇA E SUAS  
TERRITORIALIDADES: UMA ANÁLISE DA PRAÇA SEVERINO CABRAL NA  
CIDADE DE LAGOA SECA - PB  
DISCENTE: JOSÉ RONALDO OLIVEIRA DA SILVA

**NOME:** \_\_\_\_\_ **SEXO** F ( ) M ( ) **BAIRRO ONDE**  
**RESIDE:** \_\_\_\_\_ **IDADE:** \_\_\_\_\_ **ESCOLARIDADE:** \_\_\_\_\_

1. Há quanto tempo você frequenta a praça Severino Cabral?
2. Que horário, turno e dia(s) você mais frequenta ou frequentava a praça?
3. Quais os aspectos que lhe chama ou chamava atenção na estrutura da praça?
4. O que você costumava ou costuma fazer na praça e com qual frequência?
5. Você a considera ou considerava um lugar agradável?
6. O que você acha da praça atualmente? Ainda a frequenta?
7. Onde costuma ficar quando vem a praça?
8. O que você costuma fazer na praça? Com que frequência?
9. Você costuma ou costumava vir a praça sozinho(a), com familiares ou em grupo?
10. Você se sentia ou se sente seguro neste espaço?
11. Você costuma ou costumava se relacionar com outras pessoas ou grupos que também frequenta a praça?
12. O que você não gosta na praça? Por que?
13. O que você acha da praça atualmente?